

Ensaio em Educação, Alfabetização e Psicomotricidade

Mario Manhães Mosso

Fevereiro - 2023

Ficha catalográfica

MOSSO, Mario Manhães./ Ensaios em Educação, Alfabetização e Psicomotricidade.

149 páginas – Rio de Janeiro, fevereiro de 2023

BEM Boss ISBN 978-65-81082-02-4

Filosofia e Psicologia, Ciências Sociais, Línguas

CDD 152, 372, 373, 374, 379 e 410

Método Mundial de Alfabetização, Alfabetização, Psicomotricidade, Escrita, Educação, Garatujas, Psicomotricidade Cultural, Reforma Ortográfica Desenvolvimentista, Alfabetização Integrada, Educação pelo Eco, Músculos da Escrita.

Copyright: Mario Manhães Mosso

mariomanhaes@yahoo.com.br

Esta obra não pode ser copiada ou republicada, no todo ou em parte, sem o consentimento prévio e por escrito do autor.

BEM Boss

Capa: Letras e Versos

Outras Obras do Autor

- 1.O Sucesso Sullivan – Marketing, Estratégia e Pessoas – **Qualitymark** (coautoria)
- 2.Pequena Empresa e Empreendedorismo – Eternamente Fênix – **Qualitymark**
- 3.Teoria Geral e Administração Avançada – **HP-Comunicação**
- 4.Administração de Guerra - **ESC**
- 5.Administração para Funções Administrativas - **ESC**
- 6.Transportes – Gestão de Serviços e Alianças Estratégicas – **Interciência**
- 7.Administração e Modelo de Gestão - **HP**
- 8.Administração Avançada – Teoria Geral, Cenários e TGE - **Interciência**
- 9.A Lua ou um Menino – método de alfabetização em 7 dias – **ESC. Download gratuito** em www.mariomanhaes.com.br/livros/a-lua-ou-um-menino
- 10.Poesias – dos Admiráveis, dos Loucos, dos Humanos – **ESC**
- 11.O Livro de Tatiane – **ESC**
- 12.Ambiente, Educação e Gestão – Contos Fortes – **ESC**
- 13.Quem tem pena é gordo – **ESC – SARAIVA DIGITAL**
- 14.Gestão do Conhecimento – **Publit** (coautoria)
- 15.Super-herói Valor – **ESC**
- 16.Planejamento Estratégico Educacional – **ESC**
- 17.Educação do Hábito – 5000 anos em 5 – **ESC**
- 18.Introdução à Estratégia em Qualidade – **ESC**
- 19.Professor Avançado e Consultor Palestrante – **BEM Boss**
20. Alfabetização – Psicomotricidade Fina, Escrita Cursiva, Escrita Bastão, Garatujas – **BEM Boss**

AGRADECIMENTOS

Este livro de ensaios foi o resultado de muitas conversas com alunos e professores. Incontáveis. E por isso seria um risco escolher entre tantos nomes. Muito obrigado por revelarem de forma sincera suas inquietações e principalmente suas convicções, que geraram as pesquisas aqui contidas.

DEDICATÓRIA

Àqueles que têm a coragem de mudar de opinião. E de não mudar, quando é o certo.

A todas as crianças.

Prefácio

Por que um livro de ensaios sobre Educação, Alfabetização e Psicomotricidade?

O ensaio nos permite uma abordagem mais direta, é menor em conteúdo, mas tem fundamentação. Então, não pode ser uma simples opinião, mas também não é algo tão pesado como um artigo científico nem volumoso como um livro. É, pois, particularmente interessante para darmos início em temas relevantes e entrelaçados, que devem servir de discussão e motivar estudos mais profundos.

A junção desses assuntos nasceu do trabalho de alfabetização; após atingido o objetivo de prover uma leitura básica (definição de “alfabeto” pela UNESCO), veio a escrita e com ela a psicomotricidade.

A educação já está ficando por demais segmentada, dificultando uma visão integrada de assuntos interdependentes. Essa foi uma oportunidade de conexão.

Diversos temas em educação viraram verdadeiros paradigmas, sem fundamentação científica. A falta de

pesquisa principalmente por causa do desconhecimento da língua inglesa tem deixado os professores brasileiros, ligados à educação básica, distantes do que acontece nos outros países. Por isso também a necessidade dessa publicação: facilitar o acesso a apenas algumas fontes relacionadas a esses assuntos. Existe muito mais por trás disso. Mas a ideia aqui é abriremos algumas janelas. Temos que administrar melhor nosso tempo de discussão; aproveitá-lo com o rigor de sua importância.

Por que ainda não fechamos a discussão entre “cursiva” e “bastão”, quando a criança pode segurar o lápis de cera e a caneta, o que é um programa de aula minimamente aceitável, se devemos ter aprovação automática ou não? Por que ainda discutimos sobre temas como esses com tanto material científico disponível, com resultados e métricas e amostras e metodologias significativas?

Porém, o livro é mais científico que polêmico. Durante um processo empírico longo em paralelo à pesquisa científica, várias questões interessantes apareceram, como:

a psicomotricidade cultural, a Educação pelo Eco e tantos outros, que o autor julga relevantes no sentido de que podem trazer benefícios à nossa Educação e ao nosso desenvolvimento. Vejam, por favor, como uma provocação saudável e... vamos em frente. Porque temos muito a percorrer.

Boa leitura. Boa pesquisa.

O autor.

Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 2023.

SUMÁRIO

ENSAIO 1 – JEAN PIAGET OU MARY MARGARET SHIRLEY?

A CRECHE, p.11

ENSAIO 2 – MÉTODO MUNDIAL DE ALFABETIZAÇÃO, p.26

ENSAIO 3 – ALFABETIZAÇÃO INTEGRADA, p.47

ENSAIO 4 – REFORMA ORTOGRÁFICA

DESENVOLVIMENTISTA E SOCIAL, p.53

ENSAIO 5 – PSICOMOTRICIDADE CULTURAL, p.74

ENSAIO 6 – PSICOMOTRICIDADE EM MÚSICA, EDUCAÇÃO

FÍSICA E ARTES – AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO,

p.97

ENSAIO 7 – EDUCAÇÃO DO ECO, 106

ENSAIO 8 – POLÍTICA EDUCACIONAL – A QUESTÃO DA

APROVAÇÃO AUTOMÁTICA, p.113

ENSAIO 9 – PSICOMOTRICIDADE, MUSCULATURA,

ALIMENTAÇÃO E MOBILIÁRIO, p.128

ENSAIO 10 – AVALIAÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE PARA A

ESCRITA, p.138

ENSAIO 1 – JEAN PIAGET OU MARY MARGARET SHIRLEY?

A CRECHE

Normalmente, quando ouvimos falar de coordenação motora fina, imediatamente pensamos nas pontas dos dedos. Em seguida, nas mãos. Mas o estudo de Mary Margaret Shirley começou a pesquisar a psicomotricidade fina pelos olhos.

Vejamos o que dizem os pesquisadores atuais sobre o tema¹:

“O desenvolvimento dos campos visuais leva à capacidade de notar as distâncias no tempo, parâmetros da velocidade de deslocamento, desenvolvendo a orientação espacial e temporal. A educação orgânica é acompanhada por uma funcionalidade aprimorada que, por meio da especialização, oferece à atividade psicomotora um papel ativo e estabelece as relações entre o homem e o meio.”

¹ MATEI, Dan Constantin; NICA, Carmen. Studia Universitatis Vasile Goldis, Physical Education & Physical Therapy Series . Op. Cit.

Nas Pesquisas sobre o desenvolvimento da criança, Jean Piaget é referência sempre presente. Mas não se costuma encontrar as primeiras referências mais consistentes, as mais antigas, o que por vezes parece uma ingratidão histórica.

O título é apenas uma provocação, para motivá-lo(a) a ler este ensaio, porque naturalmente não é para ser uma escolha: ou Piaget ou Shirley. Ao contrário: precisa ser um, a outra e tantos outros; temos de buscar outros autores e pesquisadores relevantes e dar a eles o justo agradecimento.

Este é um breve resumo sobre Mary Shirley e sua obra, em reconhecimento a seu pioneirismo na área.

Mary Margaret Shirley

Alguns dirão que não deve haver comparação, porque Mary Shirley era maturacionista. Por maturacionista devemos entender: relacionado com o amadurecimento; que diz respeito ao amadurecimento de algum sistema. Ela

foi estudada, junto a Gesell e McGraw, como participante da corrente neuromaturacional². Quer dizer, o desenvolvimento infantil está obrigatoriamente relacionado com o desenvolvimento neurológico (maturidade neurológica).

Mary Margaret Shirley publicou, em três volumes, “Os Primeiros Dois Anos – um Estudo com Vinte e Cinco Bebês”, um volumoso e acurado estudo documentado de observação³.

No volume um, ela tratou da questão postural e locomotora. O volume dois investiga o desenvolvimento intelectual. E o terceiro, as manifestações da personalidade.

Vamos falar um pouco do segundo volume, de 513 páginas.

² MORAES, Marcus V. M. de, RANIERO, Elaine P., TUDELLA, Eloísa, MORAES, Janaina R. de, BORTOLIN, Paula, MARTINS, Juliana G.. Abordagem Maturacionista: Histórico e Contribuições. *Dynamis Revista Tecno-científica*. Abr-Jun / 2008, n.14, vol. 23-26 .

³ Shirley, Mary Margaret. *The first two years: A study of twenty-five babies* (Vol. II). Minneapolis: University of Minnesota Press, 1933.

A escolha se deve principalmente pelo capítulo sobre o processo de desenvolvimento da coordenação motora fina. Mas o livro todo é uma obra prima.⁴

Tivemos de colocar um pedaço pequeno da introdução de Shirley, com suas exatas palavras de 1933:

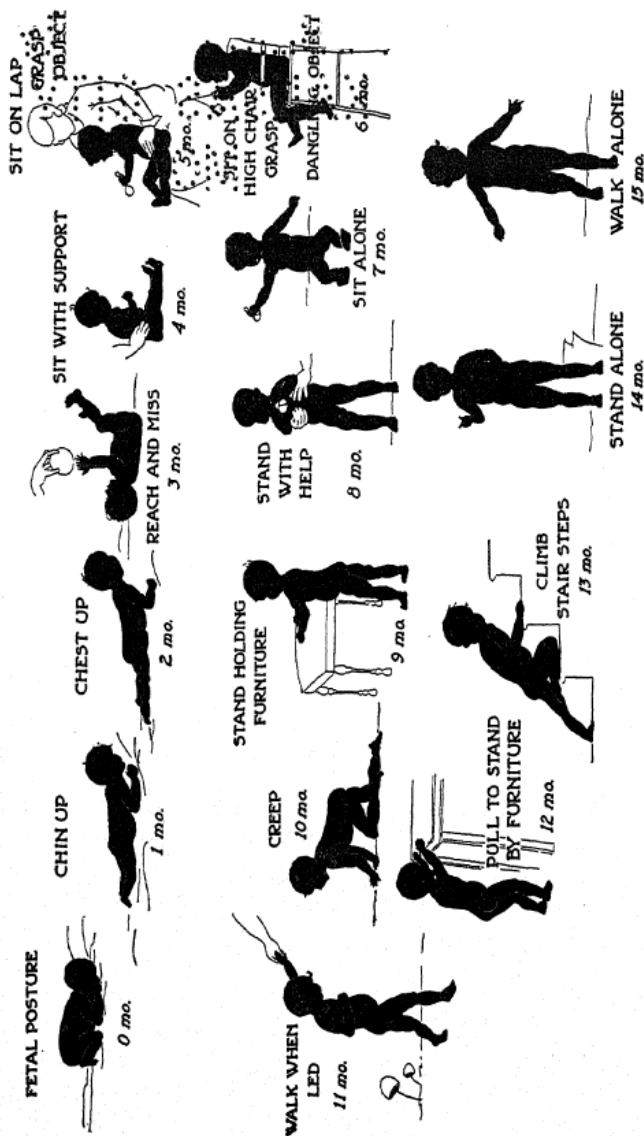
““Comportamento intelectual” pode soar como um termo muito forte para os reflexos simples e a atividade generalizada da criança recém-nascida. De fato, aqueles que estão acostumados a pensar no intelecto como manifestado apenas pelos processos superiores de raciocínio e pensamento abstrato ou pela manipulação de material em termos verbais podem questionar se o bebê com menos de um ano apresenta algum comportamento que pode ser propriamente chamado de intelectual. Certamente, os primórdios do intelecto são difíceis de discernir no início, como atos de observar e alcançar e a simples manipulação de brinquedos. Mas com o surgimento da compreensão da fala adulta, o início da fala inteligível e

⁴ Quem quiser a versão em PDF pode solicitar pelo e-mail da ficha catalográfica. É gratuito.

o desenvolvimento da locomoção pela casa, a processos de pensamento simples do bebê e sua independência de ação são aparentes até para o mais cético dos observadores. À luz desse desenvolvimento posterior, não se pode ter dúvida de que as raízes do comportamento intelectual se estendem para trás nos atos mais simples da primeira infância.”

THE MOTOR SEQUENCE

FIGURE 1



Essa é a sequência motora identificada por Margaret Shirley⁵.

Estamos falando de desenvolvimento da criança. Ela fez um estudo do desenvolvimento motor da criança de zero a dois anos (o bebê), amplo, científico. Talvez pela faixa etária analisada não façam comparações. Entretanto, como os autores mais conhecidos trabalham em fases de desenvolvimento motor, sabemos hoje que se não houver a qualidade motora desejável na criança de dois anos, as demais fases ficarão comprometidas e os problemas aparecerão. Pensando assim, talvez seja a fase mais importante. Pois se a criança não utilizar e exercitar a musculatura buco-facial, a sucção, na mamada, isso impactará na fala, leitura, escrita etc.⁶

Quando Shirley iniciou, pelos olhos, ela, como outros pesquisadores, nos lembrou que a motricidade tem forte

⁵ Shirley, M. The first two years: A study of twenty-five babies (Vol. II)(Op. Cit.).

⁶ MOSSO, Mario Manhães. Alfabetização – Psicomotricidade Fina, Escrita Cursiva, Escrita Bastão, Garatuja. Rio de Janeiro, BEM Boss, 2023.

relação com a vontade e com as necessidades, uma vez que um grande volume dos movimentos, na realidade, faz parte da coordenação visuomotora; um movimento do braço do ponto A ao ponto B é coordenado pela visão e pelo cérebro. Assim, sem a visão não teremos o movimento. Existem os outros sentidos, mas, tirando a percepção tátil e olfativa do recém-nascido que acabou de sair do útero procurando o peito da mãe, nada se compara à visão nesse crescimento. Então, vamos a um fragmento desse trabalho de Shirley.

O estudo de Mary Shirley foi longitudinal, quer dizer, a observação de bebês de zero a dois anos de forma ininterrupta. Como os pais são aqueles que mais tempo ficam com a criança (as mães) em seu ambiente natural (sua casa), havia pesquisadores do grupo de Mary e as mães, que também seguiam procedimentos de observação.

Montamos a tabela a seguir, adaptando do que foi objeto de observação dessa cientista nesse período em relação à coordenação ocular⁷:

⁷ Adaptado de Op. Cit. SHIRLEY, Mary Margaret. The First Two Years. p. 16.

Reação	Número de Dias ou Semanas em que ocorreram
Olhar uma luz, em movimento lento	4 dias ☐ sim ☐ não
Olhar uma pessoa, uma ou duas vezes	2 Sem ☐ sim ☐ não
Olhar um objeto, uma ou duas vezes	3 Sem ☐ sim ☐ não
Seguir horizontalmente uma fita	5 Sem ☐ sim ☐ não
Olhar para uma pessoa três vezes ou mais	5 Sem ☐ sim ☐ não
Olhar para um objeto três vezes ou mais	6 Sem ☐ sim ☐ não
Rir para uma pessoa	8 Sem ☐ sim ☐ não
Seguir verticalmente uma fita	9 Sem ☐ sim ☐ não
Seguir uma fita no sentido circular	10 Sem ☐ sim ☐ não

Tabela 1 – Modelo Shirley de Avaliação Adaptado

Creche

Finalmente já podemos oferecer os parâmetros de Mary Shirley para a avaliação dos profissionais de creches.

E que ajudarão no desenvolvimento dos ciclos educacionais seguintes. Sabemos que, nesse período, o ideal é que os bebês estejam com as mães e que elas tenham ou recebam esse material na própria maternidade.

Pelo CBO (Código Brasileiro de Ocupações), o profissional da creche e seus sinônimos (atendente de creche, auxiliar de creche, crecheira, auxiliar de desenvolvimento infantil) tem as seguintes atribuições⁸: Ensinam e cuidam de alunos na faixa de zero a seis anos; orientam a construção do conhecimento ; elaboram projetos pedagógicos; planejam ações didáticas e **avaliam o desempenho dos alunos**. Preparam material pedagógico; organizam o trabalho. No desenvolvimento das atividades, mobilizam um conjunto de capacidades comunicativas.⁹

8

<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>

⁹ É interessante, para a creche e para as demais instituições de ensino, afixar em local próprio e fornecer aos funcionários a descrição do CBO de cada cargo presente na instituição. Isso reduz muitos problemas humanos e organizacionais. Mas também é obrigatória uma reunião com o “chefe” só para falar disso, ou no primeiro dia de trabalho.

Vamos usar o modelo de Shirley para a atividade “avaliam o desempenho dos alunos”. Mas por quê? Porque o objetivo desse profissional é zelar para que a criança esteja preparada física e mentalmente para a próxima fase da educação e de seu desenvolvimento. E esse profissional só saberá se a criança está evoluindo bem se avaliá-la. Vejam que o modelo de Shirley até altera planos de aula. Afinal, como desenvolver e avaliar um bebê que passa pouco tempo sentado (após iniciada essa fase)? Dessa forma, para que a criança melhore sua “visão larga” e sua visão de “procurar na pintura”, ela precisará sentar mais vezes e ver figuras mais vezes (ATENÇÃO – avaliação seguinte). Em que parte do planejamento semanal da criança está escrito isso e qual é o quadro de avaliação disso? Podemos colocar mais “figuras” nas creches e pré-escolas? Segundo os estudos de Shirley, isso ajuda no desenvolvimento da criança.

Sabemos o quão difícil e atribulado é o trabalho desse profissional. É apenas uma sugestão para aqueles que conseguem fabricar o tempo.

Considerando ambos os quadros ao final do ensaio, o profissional de creche tem um instrumento de avaliação, uma planilha de observação. Caso alguma reação ou alguma posição esteja “atrasada” em comparação ao quadro e à figura, o profissional de creche poderá notificar a direção e os pais, direcionando-os para o exame da criança por outros profissionais.

Mary Margaret Shirley tem muito mais. Mas este é apenas um ensaio para agradecermos sua contribuição. E bom seria se o mercado editorial trouxesse aos brasileiros obra de tanto valor.

Alguns podem questionar a aplicação de um modelo de 1933. Mas temos duas razões fortes para seu uso: 1) foi um modelo elaborado com rigor científico; 2) Muitas creches não têm nenhum material tão robusto para avaliação da psicomotricidade dos bebês.

Repetindo, quem desejar o exemplar do segundo volume de Mary Shirley, basta entrar em contato pelo e-mail mariomanhaes@yahoo.com.br ou pelo site www.mariomanhaes.com.br . É totalmente gratuito, sem

necessidade de cadastro ou qualquer outra solicitação. É para pesquisa. É para nossas crianças!

CRECHE - AVALIAÇÃO A PSICOMOTRICIDADE DO BEBÊ MÉT. SHIRLEY

m = meses

1. Postura Fetal 0m

☐ sim ☐ não



2. Queixo para cima 1m

☐ sim ☐ não



3. Peito para cima 2m

☐ sim ☐ não



4. Alcançar e querer 3m

☐ sim ☐ não



5. Sentar-se com ajuda 4m

☐ sim ☐ não



6. Sentado no colo, agarrar objeto 5m

☐ sim ☐ não



7. Agarrar objeto pendurado, sentado em cadeira alta 6m

☐ sim ☐ não



8. Sentar-se sozinho 7m

☐ sim ☐ não



9. Ficar em pé com ajuda 8m

☐ sim ☐ não



10. Ficar na posição em pé segurando um móvel 9m

☐ sim ☐ não



11. Engatinhar 10m

☐ sim ☐ não



12. Andar quando conduzido 11m

☐ sim ☐ não



13. Utilizar um móvel para ficar de pé 12m

☐ sim ☐ não



14. Subir degraus de escada 13m

☐ sim ☐ não



15. Ficar em pé sozinho 14m

☐ sim ☐ não



16. Andar sozinha 15m

☐ sim ☐ não



CRECHE – AVALIAÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE OCULAR

DO BEBÊ (até 3 meses)

MÉTODO SHIRLEY

Reação	Número de Dias ou Semanas em que ocorreram
Olhar uma luz, em movimento lento	4 dias ☐ sim ☐ não
Olhar uma pessoa, uma ou duas vezes	2 Sem ☐ sim ☐ não
Olhar um objeto, uma ou duas vezes	3 Sem ☐ sim ☐ não
Seguir horizontalmente uma fita	5 Sem ☐ sim ☐ não
Olhar para uma pessoa três vezes ou mais	5 Sem ☐ sim ☐ não
Olhar para um objeto três vezes ou mais	6 Sem ☐ sim ☐ não
Rir para uma pessoa	8 Sem ☐ sim ☐ não
Seguir verticalmente uma fita	9 Sem ☐ sim ☐ não
Seguir uma fita no sentido circular	10 Sem ☐ sim ☐ não

ENSAIO 2 – MÉTODO MUNDIAL DE ALFABETIZAÇÃO

Comecei a alfabetizar em 2001. Primeiro foram os meus filhos. Quase simultaneamente, mendigos.

Acredito que alfabetizadores normalmente passam por estes caminhos: aprenderam um método de alfabetização em determinado curso ou experimentando (empirismo).

Alguns poderiam inserir um misto dos dois, mas qualquer professor de vocação, que aprendeu um método para alfabetizar, ao sentir o aluno e o ambiente, faz experiências e adaptações. Vocação é o amor pelo aluno. O amor gera a observação de um pai, de uma mãe, identificando cada mínimo problema e fazendo todas as modificações necessárias. E professores amorosos sempre existiram. Professor amoroso deveria ser um pleonasma.

Entretanto, após duas décadas de experiências, em um exercício com o inglês, extrapolei a mesma sequência do método em português, o que me fez identificar que o método, em seus rudimentos e em sua estrutura, poderia

seguir o mesmo padrão de planejamento. Era um Método Global de Alfabetização¹⁰.

Entretanto, um dos principais assuntos da alfabetização é se o método é fônico, sintético ou global. Isso dava à palavra “global” outra conotação. Quer dizer, a expressão Método Global de Alfabetização fazia o estudante ou pesquisador associá-lo ao método global (tipo analítico – a palavra completa primeiro). Por isso alteramos a expressão para Método Mundial de Alfabetização, como a Internet (www – World Wide Web).

Então vejamos, se ele é um método que realmente pode ser utilizado para alfabetizar em todos os idiomas. Para isso, primeiro, vamos o método original.

Melhor é apresentarmos logo o método na prática, para imediatamente analisarmos a parte técnica.

No Brasil, logo, para a alfabetização na língua portuguesa, o método foi dividido em sete (7) níveis. A técnica é a mesma para os sete. Entretanto, o primeiro nível

¹⁰ MOSSO, Mario Manhães. A Lua ou um menino – Alfabetização. Rio de Janeiro, 7ª edição, ESC, 2019.

coloca antes de qualquer informação o treinamento ocular da leitura ocidental (da esquerda para a direita e de cima para baixo) e o treinamento respiratório, para desenvolver a coordenação respiração→produção sonora e oromotora (lábios, língua, maxilar...). O mesmo treinamento ocular para os idiomas orientais (da direita para a esquerda) seria feito. Logo, o método incluiu uma iniciação na psicomotricidade ocular e respiratória. A consciência fonética também é amplamente desenvolvida através dos jogos.

O método utiliza a escrita cursiva, mas também é ensinado na letra de imprensa (Arial). Isso deve ser adaptado ao Sistema Educacional de cada país e à idade e à capacidade mental de cada um. Para adultos, utilizamos a letra de imprensa.

Então vejamos somente o primeiro dia.

Podemos iniciar também com uma pequena estória ou um cenário (figura) e conversar sobre eles. Mas isso dependerá do ambiente, da carga horária etc. O que é padrão mínimo obrigatório no método está abaixo.

Lembrando que a sequência é, em todos os sete níveis:

1. Ensino do código: letra → som (codificação)
2. Prática com jogos (codificação e decodificação)
3. Leitura (decodificação)

O objetivo é ler no primeiro dia.

1. Ensino do código: letra → som

CRITÉRIO DE ESCOLHA (facilidade fonética, utilidade, frequência, estória possível, valores)

Super amigos

Ajude a criança com o dedo e você fala a primeira p + a pa. Depois, continue ajudando com o dedo, mas deixe ela tentar ler. Se ela não conseguir, você ajuda de novo. Mas espere um pouco.

a a a aaaaaa e e e eeeeeee

p + a pppa pa pa

p + e pppé pé pé

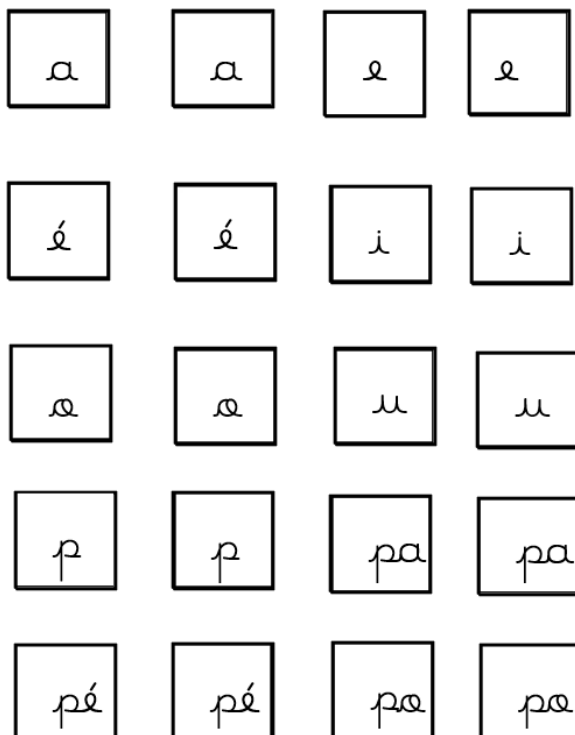
p + e ppppe pe pe

a e a e aaaaaaa e a e a e aaaaaaa

pa pé pe pé pe pa

2.Prática com Jogos (utilizamos dois jogos, sendo um de memorização, o jogo da memória, e outro que é competitivo, adaptação do bate-bate) – cada cultura com seus jogos.

Cortar os quadrados e jogar jogo da memória 1



3.Leitura

Estória de ai au ei pai

Dá a criança lê. O educador ajuda com o dede, se for necessário.

a u au au ei ei

_____ /

_____ /

ei ei ai ai ai a

_____ /

... _____ /

ai au ei pa i ei pa pa pai

e u papai eu eu pa pa

pé ai papa i ei ai ae ei pai

Agora analisemos alguns **pontos críticos** para o professor.

Nunca falar o nome da letra. Assim, quando ensinamos o fonema "p" não falamos "pe", fazemos apenas o som, o fonema. Porque quando o alfabetizador pratica o nome da letra ele cria um código "errado" na mente da criança. E para a criança ler corretamente, ela precisará desconstruir aquele código anteriormente aprendido.

Por exemplo, como você lê PO ?

Está errado. PO se lê PEO.

Isso acontecerá se ensinarmos muito o alfabeto.

Vamos entender. O nome da letra P é PE. O som é "p", mas seu "nome" é "pe".

Se a criança aprende que p=pe , e que o nome da letra O é = O, ao ler o encontro PO, ela irá decodificar PEO.

Por isso, no método, é proibido falar o nome da letra.

Em decorrência, deve-se tomar muito cuidado em não utilizarmos sempre a mesma ilustração para a prática

da consciência fonética, para não sedimentar um código errado ou que possa gerar confusão.

Outro ponto crítico é o acompanhamento com o dedo. No início (quem praticar o método perceberá), o impacto do movimento do dedo é enorme. O professor identificará como essa relação dedo→ leitura é quase hipnótica; um movimento errado ou inadequado do dedo, ou seu não movimento, produzirá um resultado imediato na leitura. Isso começa a melhorar normalmente a partir do terceiro nível, momento após o qual também é importante começar a tirar o dedo, para não gerar um vício de leitura. Mas com o aumento da velocidade de leitura, tal vício se perde naturalmente.

Vamos passar agora à descrição técnica do método, para, em seguida, fazer a adaptação para outro idioma.

Esse é um método:

1. Misto, preponderantemente monofônico¹¹, mas também sintético silabado e analítico (global no âmbito da palavra);

2. Adaptável em relação à sequência da estrutura fonética ensinada. Para crianças, adultos, idosos e pessoas com deficiência, que tiveram formação falha, aumenta-se o volume da silabação e é reduzida ou retirada a parte monofônica. E ainda existem exceções analíticas (método global);

3. Cumulativo OBRIGATORIAMENTE e de forma estruturada – ao aprender um novo conjunto, o aluno, antes de lê-lo, repete a leitura do que aprendeu anteriormente; e as “estórias” também são cumulativas. Cumulativas no sentido do aprendizado fonético;

4. Parâmetros utilizados na sequência de ensino: do fonema mais fácil para o mais difícil; pausas e conexões sonoras; das sílabas (“dífonos” ou “trífonos”) mais

¹¹ Faremos um adendo a diante sobre as palavras “monofônico” e “difônico”.

fáceis e com maior volume de verbetes (pa) para as mais difíceis e com menor volume de verbetes, das palavras mais fáceis para as mais difíceis (Descartes que sedimentou “ir do mais fácil ao mais difícil”);

5. Sequência da metodologia de aula: 1º) ensino (expositivo ou lúdico); 2º) sedimentação lúdica; e 3º) prática de leitura. Todos no mesmo dia.

6. Destaques: o mínimo de fonemas capazes de formar uma estória; prática imediata (ler desde o primeiro dia); as palavras do cotidiano são importantes (como desde os primeiros filósofos alfabetizadores), mas a família e os valores, vêm antes (mãe / amor); logo depois, das estórias para os fonemas (quer dizer: quando se juntam os fonemas mais simples para se fazer a menor estória possível), se ainda faltar uma sílaba ou fonema um pouco mais complexo fundamental para completar a estória, ela(e) será antecipada(o), sem o estresse da repetição para a assimilação plena. A ideia é antecipar o prazer da vitória de ler.

Outras questões que foram desenvolvidas com a experiência: movimentação ocular, melhoria dos tipos, fortalecimento do “ã” (não do “ão”)(no caso do português), a continuidade pela linha (psicomotricidade oro-motora e controle pulmonar), fonemas complexos para idosos, adaptações para idosos, adaptações para F70, crianças com vícios de leitura e bebê poliglota.

Sobre as palavras que utilizamos anteriormente: “monofônico”, “difônico”, “dífono” e “trífono”.

Tivemos de fazer isso pela grande confusão que existe hoje entre os métodos fônico e sintético. Nos desculpem os linguistas, mas foi necessária uma adaptação e uma simplificação. Existe muito a falar, mas não tomaremos seu tempo aqui, porque o assunto é extenso. Só para ilustrar, “ss” é um dígrafo: duas letras com um só fonema. Quando fazemos o fonema da letra p, temos “p” e quando fazemos o fonema da letra a, temos “a”. Assim, quando juntamos as duas letras (pa) temos uma sílaba com dois fonemas = dífono. Para os linguistas, o fonema “p” só pode existir se pronunciado com uma “vogal”. Caso acima. Assim, não é

correto usar a palavra monofônico, para os linguistas ou fonólogos, como um único fonema. Mas podemos usar monofônico como um único som, sem sermos linguistas ou fonólogos. Afinal, tanto “fonema” quanto “som” vêm do grego *fono* (voz, som).

Podemos fazer o som da letra p sem juntá-la a uma vogal. Por silogismo, o método “difônico” é o sintético ou vice-versa. Assim, na realidade, podemos chamar qualquer método que usa os sons de fônico, com um, dois ou mais fonemas. Pois estamos fazendo sons. Moldamos a palavra monofônico para salientar que nosso foco é o som único(o fonema), de uma única letra. E se conseguimos ensinar assim, é possível. Mas os linguistas têm razão principalmente em relação às letras D, G, L e N.

Agora podemos tentar verificar se o modelo pode ser considerado mundial, quer dizer, se sua linha mestra é “extrapolável” para outros idiomas de uma forma eficaz. Para tanto, precisaria estar baseado em princípios universais.

Então, vejamos. Analisemos duas coisas: 1) os fonemas e grupos fonéticos a serem ensinados por blocos para o respectivo idioma e 2) a execução do método (sequência do método, o aprendizado, a ludicidade...

Lembramos que estamos falando de crianças com quatro anos ou mais. Então, já existe vasto vocabulário básico e boa capacidade de comunicação¹².

Inicialmente, ponderamos que o aprendizado de LEITURA de qualquer língua abrange: codificação, decodificação e fonética. Codificar é estipular ou dar um código para representar algo. No nosso caso, esse ALGO é um som. Imediatamente, a criança, ou o adulto, poderá decodificar: ao ver o código ou símbolo saberá a que som se refere. Ao ler o código em “voz normal”, ela estará externando esse conhecimento e se ouvindo, desenvolvendo o som até a perfeição (CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA). Sabemos que a consciência fonológica precisa ser desenvolvida antes mesmo do processo de

¹² O método teve sucesso com crianças de cinco (5) anos. Em sete(7) dias intercalados, em média, elas estavam lendo.

codificação/decodificação/resultado fonético. Inclusive, nos países desenvolvidos, é dedicado maior tempo à conscientização fonética antes da alfabetização.

Por tudo isso acima, as etapas para a aplicação do método em outro idioma (que foram as mesmas vencidas para o “Português”) são:

1. Identificação da melhor junção de: fonemas mais fáceis, a menor estória possível, fonemas de maior utilidade, valores.

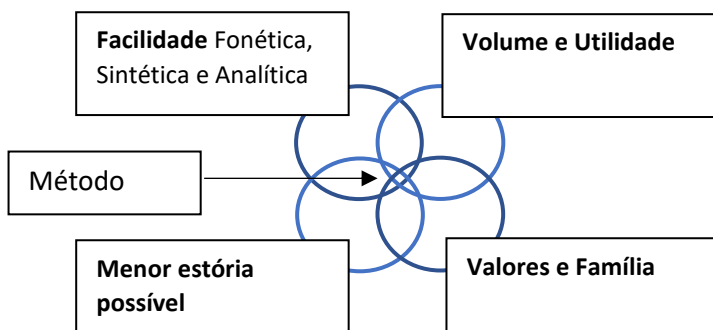
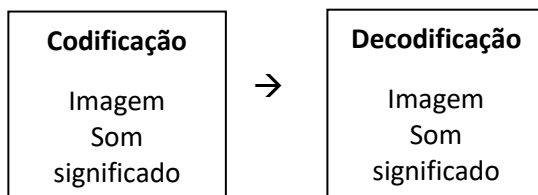


Fig. 5 – MAMA Method

As três primeiras questões são matemáticas. Por isso que também se diz que o método é baconiano (de Francis

Bacon), no sentido do volume de ocorrência (os pombos). Então perguntam do porquê da questão dos valores. Porque além de querermos formar pessoas do bem, o ambiente familiar é o maior influenciador do processo de aprendizado, não só pelos exemplos, mas por ser o ambiente de vocabulário que cerca a criança. Toda hora a criança fala: mãe, vó, papá etc., sendo o ambiente simbólico e de prática dos primeiros processos de



, não necessariamente nessa ordem. Então, além do bem, também é uma questão de volume: matemática.

O que baliza tudo é o que deve ser ensinado, de mais fácil, para a menor estória possível. Para que a criança já leia uma estória no primeiro dia. Para que ela tenha o prazer de ler no primeiro dia.

2.A construção do seu material. Seu material (cada nível) será constituído, conforme exemplo acima: do ensino dos fonemas, das sílabas (dois ou três fonemas juntos) e das palavras, todos necessários à leitura da primeira estória.

Por que, no caso do português, nós primeiro ensinamos: a, e, i, o, u, p, pa, pé, po?

a)Porque o português tem muitas vogais em cada palavra;

b)Porque nenhuma dessas letras apresenta mais de um fonema/som no português. Por exemplo, a letra “C”, no português, pode ser utilizada para dois fonemas. Para nós, é uma letra complexa. Por isso, seu ensino não pode acompanhar o alfabeto (terceira letra do alfabeto). Ela ficou para as lições finais. Não seguimos o alfabeto, porque ele não segue a ordem de dificuldade;

c)Porque a letra “p” abriga o maior volume de palavras no dicionário de português;

d)Porque o “p” é um dos fonemas/sons mais fáceis, depois das vogais; e

e) Porque pai é uma das figuras mais presentes e fortes na família. Não podemos usar a palavra mãe de imediato, pela complexidade dessa palavra em português. Mas “mãe” já entrou no segundo nível, pela sua importância e frequência. Não pode ser deixada para o final.

3. Aplicar o método e modificá-lo de acordo. Nas primeiras aplicações, você já fará algumas modificações rapidamente. Após as primeiras crianças (dois ou três meses, dependendo de sua organização das aulas), o método no seu idioma de ensino da alfabetização estará praticamente pronto.

O número de níveis ou dias dependerá da complexidade do idioma e do tipo de aluno.

Naturalmente, após a construção de cada nível haverá modificações. Porque somente depois da aplicação do método em várias crianças ficará nítido o que é mais difícil e, conseqüentemente, haverá alguma mudança nas sequências e nos níveis.

No Brasil, identificamos isso em torno da vigésima criança. Mas quando e como se identifica isso? Quando os casos de dificuldade começam a se repetir. Nesse momento, você percebe que já chegou, praticamente, ao fim do que há de mais importante. Sempre aparecerá uma questão específica, mas o que resolve isso é o bom professor, atento às peculiaridades e diferenças.

Outros Pontos Relevantes

Aprender para sempre. Sim, aprender para sempre. Porque nesse método, o aluno assimila um grande volume de conteúdo em pouco tempo. Por isso, se ele não praticar, poderá esquecer tudo. É necessário, então, que a criança continue lendo no mínimo três vezes por semana por dois meses. Esse parâmetro para retenção não foi verificado cientificamente, mas fica evidente a necessidade, para transformar uma nação, desenvolver o hábito de ler..

A Família. A Família deve ser conquistada antes do início das aulas. Uma conversa séria, formal, um momento específico para esse encontro, tudo isso é extremamente

necessário. Sem a família para exercitar e praticar é muito mais difícil para a criança. As escolas não dão conta disso.

Alfabetização não é aprender outra língua. O processo de alfabetização nada tem a ver com o processo de aprender outro idioma, quando já se sabe ler. Veja que o Alemão é uma língua complexa em sua estrutura, mais complexa do que o inglês. Mas em relação à fonética, o inglês é mais complexo do que o alemão, porque no alemão a variedade de sons de uma letra é menor que a variedade de sons das letras em inglês. Podemos dizer, então, que é mais fácil aprender a ler em Alemão do que em Inglês. Mas que, após saber ler, é mais difícil entender parágrafos longos em alemão do que em inglês, por causa da estrutura da língua. Entretanto, independentemente disso, o método se aplica na alfabetização em ambos, porque o método deve se adaptar à língua.

O Prazer e a Utilidade. Quantos adultos nós conhecemos, que sabem ler, mas que há muito tempo não leem mais coisa nenhuma? Alguns realmente têm problemas com a visão e isso torna a leitura cansativa,

mesmo com óculos. Mas muitos não têm problema algum e simplesmente param de ler. Ainda mais hoje, em que muito aprendizado pode ser feito com vídeos e sons. Mas a leitura desenvolve e mantém diversos outros aspectos. Então, para os que não têm limitações, os ganhos para a qualidade de vida são grandes.

Ler é tudo. Talvez só perca para o amor.

ENSAIO 3 – ALFABETIZAÇÃO INTEGRADA

Temos muito a integrar; não só a leitura, mas toda educação, psicomotricidade, o mental ao físico...

Meu foco na alfabetização é a leitura. Mas existem coisas importantes que nunca são ditas e me parece que dizê-las pode melhorar o processo como um todo. Porque ler é tudo, mas se agregarmos isso ao aperfeiçoamento e à sedimentação, teremos agregado muito mais às pessoas.

Leitura Integrada

Após alguns anos me dedicando à melhoria de um método para a leitura, busquei boas referências nacionais e internacionais dos primeiros três anos de escola, principalmente em português, matemática e ciências. Não pesquisei antes de escrever, por hábito; para tentar gerar um volume maior de ideias “originais”, não me contaminando com outros pontos de vista que poderiam acabar direcionando meu pensamento. Quando acho que não tenho mais nada em mim, aí sim pesquisei

profundamente. Mas voltando aos três primeiros anos, como minha principal atenção era a leitura, me debrucei na integração nesse nível. Estamos falando dos três primeiros anos do Fundamental I, quer dizer, primeira, segunda e terceira séries. Selecionamos coleções e sistemas de ensino dos referidos anos adotados em escolas conhecidas que tinham notas altas na avaliação do IDEB (índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

Nenhuma das obras oferecia a LEITURA INTEGRADA. O que significa isso? A criança, por exemplo, aprendendo a ler a letra cursiva, não tinha nenhuma pergunta, de nenhuma das obras das três áreas, em cursiva. Algo extremamente básico, sem nenhum custo para as editoras. Talvez com um pequeno esforço para os autores em evitar palavras complexas em termos fonéticos, quando possível.

De repente o leitor não está entendendo. Vamos lá. Imagine a questão no livro de português do segundo ano do ensino fundamental, dizendo:

Como é o M ?

mmmmmm

Aí a professor “diz”: - Siga com o lápis em cima da letra.

Repare que a pergunta está em letra de imprensa e o exercício está em cursiva.

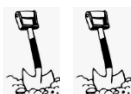
Por que não está assim?

Como é o m ?

Reparem que além da pergunta estar em cursiva (se a criança estiver aprendendo a cursiva), a mesma pergunta também foi adaptada para o nível de leitura em que a criança está.

Em matemática, a mesma coisa:

São duas pás ? Sim ou não?



E o professor diz: Façam um risco em cima do sim ou do não. O que vocês acham? São duas? Sim ou não?

Ficaria:

Dão duas pás ? Sim ou não?



Mercado Editorial

O mercado editorial não oferece livros de leitura para a sedimentação da mesma, seja na letra que for. Quer dizer, não existem livros de leitura em cursiva, para quando as crianças estão na fase do aprendizado da cursiva. E quando elas estão na bastão, a grande maioria das publicações mistura a Bastão com a letra de Imprensa.

Poucas também são as obras que buscam adequar as estorinhas à sequência de ensino das escolas ou que colocam em níveis de complexidade fonética. Por favor, estou usando estorinha, e não historinha, porque estou frisando que é ficção.

Quer dizer, o mercado editorial não está em sintonia com o ensino, na alfabetização. Mas devemos lembrar que quem faz o mercado editorial é o público. E no nosso caso estamos falando de quem sugere as obras, logo, de professores e diretores escolares. Quer dizer, na minha humilde opinião, esse esforço de deslocar a linha editorial precisa muito da ação das escolas e dos governos. Afinal, diretrizes vêm dos governos. Mas as escolas e os professores não precisam esperar os governos para usar o bom-senso, que é usar livros relacionados com o que ensinam.

Mas existem tantas outras importantes integrações... Como o significado da palavra, por exemplo: por que, quando a matemática pede “relacione” ou “correlacione” ou “ligue” essas palavras do referido livro já não foram sedimentadas pelo livro de português do mesmo método ou sistema? Qual é o interstício ideal de tempo e de volume de repetições? Quer dizer, deve ser ensinado em português um mês antes de aparecer em matemática? E quantas vezes, de que forma? Não estamos falando dos professores

aqui, porque sabemos que os bons conversam com seus pares, para alinhar. Falamos das coleções, dos sistemas e das editoras. Aos professores, além do gerenciamento do problema, resta passar para a direção e para que esta faça reuniões de conteúdo com editoras. Afinal, essa é a importância da reunião anual entre professores, direção e editoras ou do documento de orientação enviado para as mesmas ou disponível no site das instituições. Esse encontro força um encontro anterior entre professores e entre professores e direção. Que, por conta disso, pede a “conversa de corredor” entre professores. É o que chamamos de planejamento educacional reverso: que começa pelo fim.

Já estamos adiantados na integração de conteúdo, inclusive em avaliações nacionais. Mas as integrações na alfabetização talvez sejam ainda mais relevantes e impactantes.

ENSAIO 4 – REFORMA ORTOGRÁFICA

DESENVOLVIMENTISTA E SOCIAL

Uma mudança na língua brasileira poderia acelerar o desenvolvimento do nosso país? Pode haver uma relação entre Desenvolvimento Econômico Nacional e uma língua?

A língua poderia ser utilizada como uma estratégia de desenvolvimento e não uma consequência?

O que motivou esse pensamento foi:

1.O Brasil precisa se desenvolver e precisamos gastar alguns momentos de reflexão com todas as possibilidades. Não custa abrir um pouco os ouvidos.

2.Temos países ricos, desenvolvidos e dominantes em dois extremos, em relação à língua:

- De um lado, países com línguas complexas (vocabulário, fonética, morfologia e sintaxe)¹³, como o alemão, o japonês, o chinês, russo e o coreano¹⁴.
- Do outro, uma língua de baixa complexidade, o inglês, através dos EUA, Grã-Bretanha, Austrália.

3.O mundo está muito diferente. Tudo está muito mais rápido. Dessa forma, seria impossível pensarmos nos linguistas como agentes do desenvolvimento? Como protagonistas, *highflyers* (cavaleiros da indústria) numa visão além da manutenção de seu papel de coordenadores do equilíbrio da história, da cultura e da comunicação?

Mas nunca ninguém fez isso!

Como nunca ninguém tinha feito um celular, tinha ido a Lua etc.

Sim, já estão fazendo desde 1965, pelo menos, nos Estados Unidos. Já existem linguistas que perceberam a

¹³ Complexidade também diz respeito à diferença entre a língua culta e a língua nativa.

¹⁴ O húngaro e o romeno são considerados complexos, assim como outros, mas colocamos os países mais desenvolvidos.

necessidade de mais pragmatismo, de resultados de maior impacto em menor espaço de tempo.

Estamos falando do nosso país, das nossas crianças.

Na realidade, esse tema só não existe no Brasil. Ainda. Não de uma forma estruturada e aprofundada.

Nós chegamos ao ponto da sociolinguística, mas ainda não da econômico linguística. Nada a ver com economia linguística, que se trata de um processo reducionista na própria língua.

Agora vamos a outro prisma: uma mudança na nossa língua poderia reduzir a desigualdade social, o preconceito e mesmo o racismo?

Quem tem coragem para colocar em risco seus próprios castelos?

Ou a questão não é essa, mas que realmente a ideia é estúpida?

Pode ser. Mas peço um pouco mais dos seus ouvidos, e olhos, para analisá-la.

No início século XX, os EUA já eram um país próspero e de porte. Eles, junto com o Reino Unido, aproveitaram três oportunidades: 1) a facilidade da língua, 2) os centros de pesquisa e universidades e 3) a indústria bibliográfica e gráfica.

É mais fácil aprender o inglês do que o português, o espanhol, o francês e o alemão. Por isso, se o alemão quer pesquisar sobre uma informação ou sobre um tema que não existe em sua língua, pesquisa em inglês, de maneira geral.

E isso ocorreu com o mundo todo. E o inglês virou a língua da pesquisa. A indústria gráfica rapidamente percebeu a oportunidade de demanda e também aumentou a produção em inglês. Isso naturalmente dá uma vantagem competitiva para os países de língua inglesa. Não são a sua única causa de sucesso, mas uma causa relevante.

Mas vamos ver outros países de sucesso econômico. A China, a Alemanha e a Rússia são países com idiomas difíceis. O que explicaria seu sucesso?

Com eles ocorreu o inverso: a complexidade da língua obrigou e obriga o desenvolvimento de cada ser humano

desde a infância. É como se desde cedo fosse executado um grande esforço de aprendizagem, já para que pudessem falar e escrever. Quer dizer, o simples processo de alfabetização já cria seres fortes, porque é um processo difícil, doloroso, no qual se deparam com uma carga de informação e de complexidade superior. A língua alemã, por exemplo, tem uma estrutura que exige muito mais de conexões e da memória para ser utilizada.

Isso significa também uma vantagem competitiva, através de um povo mais intelectualizado e de um ritmo adquirido já na infância.

Dessa forma, poderíamos, sem analisar outros detalhes, por ora, identificar três caminhos que relacionam linguagem e desenvolvimento: caminhar para uma simplificação da língua, seguir o caminho normal de modificar a língua de tempos em tempos, em decorrência de mudanças culturais ou de tradição, ou dificultar o idioma, para fortalecer as crianças.

É possível dificultar uma língua? Qual é o movimento dos acordos ortográficos: simplificação ou de aumento de

complexidade? Simplificação. E há quanto tempo existe o idioma chinês? Mais de 5000 anos. Logo, em relação ao idioma, é mais fácil seguir a China ou os EUA, complicar ou simplificar, caso resolvêssemos agir proativamente?

Vamos discutir outros tantos pontos. Mas, por enquanto, *ceteris paribus*, quer dizer, considerando somente a questão do idioma no desenvolvimento de uma nação, deveríamos simplificar a língua. Mas..., um momento! Não seria melhor manter o desenvolvimento natural, a ordem natural dos acordos ortográficos? Então avaliemos, também essa possibilidade.

Melhor analisarmos logo a decisão de mantermos tudo como está, porque parece mais fácil resolvermos essa parte. Deixemos o mais complexo por último, para a discussão andar.

Manter o Processo atual

Manter o ritmo atual das coisas significaria uma baixa influência dos linguistas no desenvolvimento; seguir o processo natural, no qual a língua reage, depois de longa

maturação, às questões socioculturais. Seguir uma postura passiva não significa pouco trabalho, pois cada estudo para cada alteração ortográfica é muito trabalho e exige articulação entre diversos atores, inclusive externos. Mas não é um conjunto de ações capaz de afetar o desenvolvimento de forma perceptível.

Dificultar a Língua

Os pontos negativos a esse comportamento são: o tempo e o *status quo*. O tempo, um longo tempo, foi necessário para forjar as línguas complexas. Não temos tempo.

O *status quo* é todo aparato estrutural, os órgãos de classe, as categorias, os conjuntos de especialistas e uma grande rede indireta, cuja resistência, em conjunto, torna impossível tal empreitada.

Repare no seguinte período:

“Ninguém, que ao pensarmos, lermos e falarmos uma frase na qual o verbo principal só aparecesse ao final de três

ou quatro linhas de texto poderia forçar o desenvolvimento do intelecto da criança, entenderia. “

Agora, o mesmo período, seguindo a nossa estrutura de língua:

“Ninguém entenderia que ao pensarmos, lermos e falarmos uma frase na qual o verbo principal só aparecesse ao final de três ou quatro linhas de texto poderia forçar o desenvolvimento do intelecto da criança.”

O primeiro período fora escrito na estrutura alemã.

Perceberam que simplesmente trocamos o verbo principal de lugar e que isso aumentou bastante a complexidade do parágrafo.

Não estou falando somente com linguistas, por isso peço que eles entendam algumas simplificações.

Alguns leitores não entenderam nem na nossa estrutura. Mas isso porque não se acostumaram com parágrafos longos nem com uma estrutura de comunicação mais complexa. E esse aumento de complexidade estrutural é função de nossos professores de português, para que nossas crianças alcancem alto nível de desenvolvimento

intelectual e com a capacidade de melhorar sua qualidade de vida.

É verdade que isso diz respeito à complexidade da estrutura e não da ortografia. Mas começamos pela complexidade de cada palavra em relação à ortografia. Depois passamos à complexidade das frases, dos parágrafos e dos períodos.

É. A mudança por esse prisma também não parece possível.

Agora sim, podemos nos debruçar somente na primeira alternativa: a simplificação, mais ousada, da língua, no aspecto ortográfico, ao ponto de implicar maior desenvolvimento para o país.

Ortografia Fonética para o Desenvolvimento

Por que o espanhol é mais falado que o português?

Espanha e Portugal dominavam o mundo em 1500. Mas, como país desenvolvido, de língua portuguesa, só temos Portugal. E de língua espanhola, apenas a Espanha.

Entretanto, estamos estudando como uma língua pode ajudar no desenvolvimento de uma nação.

E se observarmos volume de falantes em comparação com o desenvolvimento?

Teríamos o inglês, o mandarim, o hindi...

Mas seria uma observação incompleta, afinal, a China é o país mais populoso do mundo, logo, seria natural ter um grande volume de falantes.

Melhor seria comparar o número de falantes nativos com o número de falantes não nativos. Assim, teríamos um impacto real do interesse pela língua ou do quanto ela é importante para o mundo.

O Inglês permaneceria com primeira língua (2022):

Relação: 300 milhões de falantes nativos / 700 milhões no total (falantes nativos / não nativos). Esse número mostra nitidamente o impacto da simplificação de uma língua.

Olhando os outros:

Chinês: 900 milhões nativos / 200 milhões não nativos

Francês: 70 milhões / 200 milhões

Espanhol: 470 milhões / 70 milhões

E esses números, embora aproximados, parecem mostrar mais nitidamente o impacto do idioma de um país no cenário mundial.

Interessante observar o francês, que para muitos estava em curva de queda, mas cujos números mostram o contrário ou pelo menos seu impacto no comércio mundial ou na integração entre as nações.

Finalmente parece termos conseguido alguma conexão: **a simplificação da língua ajuda no aumento de falantes não nativos** e isso pode ajudar no processo de maior globalização e desenvolvimento do país. E essa ideia só terá algum proveito se nossa velocidade de simplificação for superior ao processo temporal normal de simplificação. E isso pede proatividade. Linguistas com visão estratégica e com muita coragem.

Os especialistas teriam de tomar uma decisão unilateral, do tipo: ou a etimologia ou a fonética? Acredito que não. Apenas como uma sugestão de um leigo, de fora, poderíamos trabalhar com dois idiomas: o mais complexo e

outro mais fonético, sendo que este poderia estar presente nos negócios e para os estrangeiros. Um não anulando o outro.

Para leigos como eu pode parecer fácil tal transição, mas os linguistas se deparam com muitos dilemas, barreiras e antagonismos. Não é difícil fazer a transposição para a integralização fonética. A questão operacional é “relativamente” simples. Mesa passa a se grafar com z: meza. Agora imaginem como seria dominar a norma rígida com a presença de duas regras, se com uma norma já temos problemas. A alternativa seria uma mudança parcial. Mas para essa mudança valer a pena no desenvolvimento nacional, também não poderia ser algo modesto. Caso contrário, seria o mesmo que as mudanças de tempos em tempos. Vejam os leigos como eu, que os linguistas têm seus motivos.

Vamos às sugestões elementares. Logo após, façamos uma priorização baseada no critério: erros mais frequentes. Só para exemplificar, pois os linguistas têm problemas bem maiores.

Por sugestões elementares, entendamos às questões básicas para qualquer leitor em ortografia fonética. E mais uma vez os linguistas me perdoem, mas precisam entender que estou falando com pessoas como eu, que estão analisando pelo prisma desenvolvimentista. Desta forma, também são ideias direcionadas ao grande público, apenas para que este tenha uma noção do que estamos fazendo.

Não utilizaremos a tabela e a classificação dos fonemas, para facilitar o entendimento dos leigos. Mais uma vez pedimos desculpas aos profissionais da linguística e da fonologia.

Introdução a uma Reforma Ortográfica Desenvolvimentista e Social

Começemos a análise por um viés que nem todos os linguistas aprovam: a matemática.

Por exemplo: pelo volume, quer dizer, matematicamente, a letra C supera a letra Q ao usar o fonema/som “K”. Dentre as várias palavras do nosso dicionário, portanto, poderia haver a mudança para

CA // CE(COM SOM DE QUE) // CI(COM SOM DE QUI)
// CO // CU

se justifica mais do que:

QA (COM SOM DE CA) // QE // QI // QO(COM SOM
DE CO) // QU (COM SOM DE CU)

E como não há variação no fonema K com a letra K, se fôssemos mais radicais, poderíamos retirar por completo o “c” e o “q” das nossas palavras.

Como dissemos, os linguistas têm problemas muito maiores e as coisas não são simples assim. Essa é uma reflexão para os leigos.

Vamos a todos os casos que julgamos impactantes. Repetindo: impactantes e básicos. Estamos falando do impacto no desenvolvimento das pessoas e do país.

G e J

O G com som de GATO perde o som de GESTO, que poderia ser grafado com J, uma vez que a letra J tem um único fonema, como no som da palavra JATO.

O G como fonema GATO permite também eliminar o GUI e o GUE, retirando o U e ficando a mesma pronúncia. Por exemplo: ALUGUEL pode ser ALUGEL, GUIA pode ser GIA.

A mudança mantém a origem das palavras indígenas, onde prepondera o J .

É assustador, não é? Crianças com fome deveria assustar mais. Então, pense nisso e tente aguentar mais um pouco.

H

Pode ser omitido nas palavras que são iniciadas por essa letra: HOMEM por OMEM , HORA por ORA...

O que dizem é que precisamos diferenciar hora(horário) de ora(advérbio, interjeição ...). Mas não conseguimos diferenciar manga (camisa) de manga (fruta), como acontece com tantas outras palavras. Apenas o contexto explica e define.

O CH foi visto no fonema C (poderá assumir apenas a letra X).

Tanto o NH quanto o LH não podem ser substituídos, por se constituírem conjuntos de letras que traduzem fonemas únicos.

M e N

Não se alteram. Porque apesar de sofrerem alterações em sua fonética, é uma questão de regionalismo. Mesa, se for grafada com Z, nada tem a ver com regionalista; é apenas uma facilitação ortográfica decorrente da fonética.

NH foi visto acima.

Q e K

Deixaria de ser considerada um erro a escrita fonética. Assim, e com a mudança anterior do C, os encontros QUE e QUI podem ser grafados CE e CI. Exemplo: QUADRADO por CUADRADO, QUERO por CERO, QUÍMICA por CÍMICA.

Está doendo muito seu estômago? O meu também.
Pense nas crianças. Mantenha o foco.

Nível da Mudança

Existem problemas muito maiores no sistema regulatório e na própria mudança da Lei da ortografia portuguesa.

1-o mercado editorial e os livros didáticos

Qual editora começaria a publicar seus livros na ortografia fonética?

2-Como as escolas procederiam?

Imaginemos uma criança que foi alfabetizada na ortografia fonética ao se deparar com um livro comum e escrito na atual ortografia!

Então o fato de uma Lei permitir que o português fonético deixe de ser considerado erro poderia gerar escolas ensinando apenas o português fonético? Não: a proposta é que o português do último acordo de 2008 é a língua mãe e oficial e é, portanto, a língua ensinada.

Mais uma vez: a proposta poderia ser apenas deixar de ser erro uma escrita fonética. Mas só os linguistas poderiam definir os limites. Mas discordo. Tenho uma grande vantagem sobre os linguistas. Para mim é mais fácil. Não sofro como eles sofrerão; não perderei meu emprego, não perderei vendas dos meus livros e não terei problemas acadêmicos ou de classe. Eu posso pensar só no desenvolvimento do país e nos mais fracos. Já eles terão de lutar contra o sistema, se preferirem as crianças.

Parece haver pelo menos quatro estágios possíveis de modificação:

- 1-A complexidade atual
- 2-Redução básica da complexidade atual
- 3-Grande simplificação
- 4-Simplificação radical

A grande simplificação, ou estágio 3, sugere mudanças nas letras e nos encontros: C G / J / QUE / QUI / GUE / GUI.

Lembrando que temos dois focos: o desenvolvimento (aceleração da leitura e escrita para nativos e aumento da fala/leitura/escrita para não nativos) e a redução da desigualdade social.

Sobre questões como: o período de adaptação da nova reforma, dicionários, escolas, tudo isso é bem conhecido pelos especialistas. É uma questão complexa. Mas que é possível e que poderia impactar grandemente os brasileiros. Envolve pesquisa, escolhas, coragem e sobretudo vontade. Vontade não de aprovar, mas de estudar de maneira fria e sem vaidades o que está em jogo.

Esse é o grande problema, a meu ver, em existir duas escritas, uma oficial e outra possível. O que nos leva para, mais uma vez: 1)fazer uma reforma total ou 2)reduzirmos a complexidade para chegar à “língua desenvolvimentista”.

Nesse caso, teremos de manter apenas as modificações das letras que não gerassem mudanças de som ou fonema.

As modificações ou permissões seriam apenas as seguintes:

1-C TIVER SOM DE S – CE e CI – pode ser usado o S, caso seja no início da palavra, por causa da regra que muda o som do S para o fonema Z quando entre vogais

2-SS / Ç / SC PODERÃO SER SUBSTITUÍDOS POR S

3-CH – permitir a troca por X.

4-Permitir tanto o G quanto o J antes das vogais E, I.

5-H no início das palavras – permitir a omissão.

Com somente essas modificações, não haveria nenhum conflito de possibilidades de sons ou fonemas, seja na leitura, na escrita ou na fala. E ficam as demais sugestões para uma reforma ampla para uma simplificação radical do sistema.

Mesmo somente com essas cinco modificações acima, o impacto no desenvolvimento de crianças e adultos seria grande por causa do volume de palavras com essas letras e encontros consonantais.

Os professores de português podem concentrar mais tempo em outros fatores da língua que prejudicam a

emissão e a recepção das mensagens, logo, no aprendizado dessa e das outras disciplinas.

Talvez o maior impacto de uma reforma ortográfica desenvolvimentista e social seja exatamente a segunda parte: o social. A redução da desigualdade social, no acesso, na comunicação, no preconceito, na unidade cultural... são impactos que os linguistas precisam analisar com carinho. Pode ser algo grande. Na análise das forças podemos começar por: quais são os impactos negativos com tal reforma?

ENSAIO 5 – PSICOMOTRICIDADE CULTURAL

Uma cultura pode desenvolver mais ou melhor a psicomotricidade do que outra? Por exemplo, a cultura irlandesa pode desenvolver mais a psicomotricidade das crianças do que a cultura italiana?

O conceito de Psicomotricidade Cultural surgiu da seguinte experiência: estamos estudando diversas formas e técnicas para desenvolver a psicomotricidade na educação infantil, com foco na alfabetização, porque já se sabe que ela desenvolve muito o cérebro até os sete anos e isso fará diferença no desenvolvimento completo do ser, até o final de sua existência. Mas, se é assim, por que alguns países bastante desenvolvidos, que não têm a educação infantil até seis anos de idade como obrigatória, mostram seres humanos altamente desenvolvidos nos diversos aspectos?

É como se não fosse necessária a educação regular infantil. Como se ela fosse importante somente a partir dos seis anos de idade.

Ou esse fato está nos dizendo que uma família, ou que uma cultura, é mais eficaz do que uma escola, no período de zero a cinco ou seis anos de idade.

É patente que nenhuma escola supera uma boa família. Essa é a questão: para traçarmos comparações ou analogias, precisamos identificar: que famílias, que sociedades, que escolas.

Se a educação até os seis anos nas escolas, pré-escolas e creches é tão importante, o que explica o sucesso desses países, onde as crianças não passam por isso? O que não estamos estudando? Melhor perguntando, o que não estamos estudando no âmbito da educação? Porque no espectro da sociologia, da psicologia e da antropologia isso já foi examinado. Mas não se conecta com o sistema educacional.

Será que analisando tais culturas, poderíamos inserir seus elementos no planejamento educacional infantil ou até infantojuvenil?

Psicomotricidade Cultural é o conjunto de atividades e padrões sociais que afetam o desenvolvimento da

psicomotricidade de um povo. Faz parte de um grupo ainda maior e mais complexo, que é a Educação Cultural, que forja os valores, os hábitos de higiene e os hábitos de aprendizagem, também através da cultura, ou como a cultura de um país ajuda seus cidadãos no processo da educação.

Uma cultura mas participativa ajuda no processo de pensamento, com as conversas e discussões? Um povo mais disciplinado tem maior capacidade de concentração, enquanto uma sociedade mais leve poderia desenvolver a criatividade?

Entretanto, esse ensaio não é direcionado apenas à psicomotricidade cultural.

Em estudo anterior sobre alfabetização na parte escrita, identificamos a importância da psicomotricidade fina. Paralelamente, um fato chamou nossa atenção: que poderia haver um desenvolvimento da psicomotricidade através da cultura. Quer dizer, os hábitos sociais e familiares poderiam estar interferindo no desenvolvimento

das crianças. O nome desse “fato”, à primeira vista, foi a Irlanda. Depois, os outros países altamente desenvolvidos.

Essa é uma breve pesquisa sobre o assunto. Porque, se existe uma interferência, podemos inserir coisas boas em nossa cultura, não importando(importação) ações de outras culturas, mas mudando a maneira de fortalecer nossa própria cultura e ao mesmo tempo melhorando a psicomotricidade e, conseqüentemente, o desenvolvimento das nossas crianças.

Risco, Garatuja e Escrita - o que é Alfabetização

As definições, às vezes, são as coisas que mais nos prejudicam. Por exemplo: “anos de alfabetização” é algo que prejudica “alfabetização”. Por “anos de alfabetização” entendemos o primeiro, segundo e terceiro anos do Fundamental I (três primeiros anos do primeiro ciclo do Fundamental).

Mas se formos na essência do processo de alfabetização, saberemos que se trata da memorização de símbolos que representam sons (codificação). Depois de

bem memorizados tais símbolos, ao olharmos para eles, saberemos o que os sons significam (decodificação) e, com prática e fluência, estaremos lendo e escrevendo.

Esse segundo parágrafo muda tudo. Afinal, o processo de codificação e decodificação começa quando nascemos (ou antes). E não só pela visão, como por todos os outros sentidos. Rapidamente entendemos o código do que é o peito da mãe, pelo tato e pelo cheiro, e mesmo pela visão de vultos.

Entendemos o código da dor, da alegria, do amor.

Delimitando a codificação e a decodificação para apenas a leitura, algum problema em aprender o “A” assim que a criança conseguir enxergar um “A”? Algo de traumático?

Aos quatro meses, a criança já consegue ver um “A” de 20cm de diâmetro e aos doze meses, perfeitamente um “A” em uma folha de papel; pequeno.

Logo, a alfabetização, ou esse processo de codificação e decodificação, pode começar antes mesmo de um ano.

O trauma não é uma coisa nem mesmo um método, um aparelho. O trauma é um professor, é o que ele faz com o método ou com o aparelho, ou um papel. Até um jogo, ou a ludicidade, pode ser algo traumático, se desenvolvido pelas mãos erradas.

Pelo não entendimento de tudo isso, radicalizamos: não utilizar mais cadernos de caligrafia, não mais utilizarmos recreações físicas, como pular carniça. Temos preferido permitir professores despreparados e tirar dispositivos didático-pedagógicos que em suas mãos não seriam utilizados com qualidade. Mas o que em suas mãos tem qualidade?

As crianças podem começar a rabiscar e colorir entre o décimo segundo e o décimo quinto mês.

Movimento de pinçamento -entre 12 e 15 meses

Riscos e Garatujas – entre 15 e 18 meses

Mais garatujas – entre 18 e 24 meses

O maior impedimento atual dos professores do infantil, em termos de permitir o desenvolvimento da

psicomotricidade fina, para facilitar os professores do fundamental, está mais na boca que em qualquer outra coisa. Quer dizer, a criança não tem impedimentos em exercitar brincando as habilidades psicomotoras de braços, mãos e dedos, mas não tem a capacidade de discernir o que pode ser colocado na boca do que não pode. E normalmente até dezoito meses, leva tudo à boca. Dessa forma, devemos fazer a adaptação necessária para evitar qualquer risco para criança. Assim, o ideal é que esse material de codificação e decodificação seja semelhante ao material recreativo do banho do bebê ou bípede.

E podemos pensar em leitura e escrita no período que antecede o ensino Fundamental, como um período que antecede a alfabetização.

A Irlanda é o país mais desenvolvido do mundo?

Nosso prisma de análise do desenvolvimento aqui não é o PIB nem o IDH. É o IDF (Índice de Desenvolvimento e

Felicidade)¹⁵. Porque o PIB (Produto Interno Bruto) é um indicador de riqueza. Entretanto, embora o dinheiro ou a riqueza seja importante para que tenhamos nossas necessidades básicas atendidas, ele não basta para sermos felizes. Digamos que o impacto maior da riqueza é reduzir a infelicidade e não gerar felicidade. Você se sente infeliz quando está doente. Mas não se sente feliz só porque está sadio¹⁶.

Também não utilizamos o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), porque ele é muito afetado pelo PIB (PPC – PIB per capita) e faz a média com a perspectiva de vida (longevidade) e alfabetização. Mais uma vez, é o estudo da “não infelicidade” e não da felicidade. Mas se usarmos tanto o PIB quanto o IDH, também veremos uma boa colocação da Irlanda em Ambos. A vantagem que oferecemos através do IDF é que adicionamos a felicidade mental (maior taxa de suicídio significa menor saúde mental) e como o próprio povo avalia a sua felicidade.

¹⁵ MOSSO, Mario Manhães. Educação do Hábito – 5000 anos em 5. Rio de Janeiro, ESC, 2015.

¹⁶ Idem, Ibidem. p. 40-48.

O fato é que parece haver uma relação entre o desenvolvimento ideal (IDF), o desenvolvimento do ser humano e a psicomotricidade cultural.

Esse é o IDF no mundo (MOSSO, 2015, p.93):

Tabela 3 - IDF – Índice de Desenvolvimento e Felicidade

País	PIB (PPP)	IDH	Felicidade mental**	Percepção da felicidade	IDF***
Alema.*	9	13	13	13	12
Áustria	4	7	87	13	27,75
Bélgica	6	6	92	12	29
Brasil	95	70	2	11	44,5
Dinam.	3	8	7	3	5,25
Finlândia	5	3	89	2	24,75
França*	11	9	14	13	11,75
Holanda	7	4	4	8	5,75
Irlanda*	2	1	5	13	5,25
Itália*	12	11	56	13	23
Luxemb.*	1	5	3	13	5,5
México	76	52	1	1	32,5
R. Uni.*	8	10	10	13	10,25
Suécia	10	2	12	10	8,5

*Percepção da Felicidade – os países que estão com ranking como os 13 não apareceram na pesquisa Nielsen. Para não sermos acusados de manipuladores em proveito próprio, os colocamos na posição décima terceira (13ª) no ranking, que poderia ir até 110.

**Felicidade Mental – quanto melhor a posição no ranking, menor a taxa de suicídio (atual menor indicação de depressão).

***IDF – Quanto mais próximo de um (1), mais desenvolvido, pois melhor posição no ranking. Um significa: 1º em PIB (PPP), 1º em

IDH, 1º em Felicidade Mental, 1º em percepção da felicidade, tudo isso dividido por quatro (4).

Pelo quadro, conclui-se que os países mais equilibrados em termos de desenvolvimento humano são:

- Irlanda
- Dinamarca
- Luxemburgo
- Holanda
- Suécia
- Reino Unido
- França
- Alemanha

A partir de então, é possível perceber que tanto Brasil quanto México aproximam-se de países desenvolvidos em PPP (PIB per capita) e IDH, como Bélgica, Áustria, Itália. Inclusive da Noruega e da Nova Zelândia que não figuram no quadro, mas que apresentam taxas elevadas de suicídio, logo, infelicidade, logo, subdesenvolvimento humano.

Isso nos levaria a identificar os hábitos que combatem o suicídio e o pessimismo, agora incluídos nos parâmetros de desenvolvimento.

Para mais um cruzamento, temos o PISA (*Programme International Student Assessment* – Programa Internacional de Avaliação de Alunos) mundial de 2018 (OCDE, 2019)¹⁷:

Classificação	Leitura	Matemática	Ciências
1	China	China	China
2	Cingapura	Cingapura	Cingapura
3	Macao	Macao	Macao
4	Hong Kong	Hong Kong	Estônia
5	Estônia	Taipei	Japão
6	Canadá	Japão	Finlândia
7	Finlândia	Coréia	Coréia
8	Irlanda	Estônia	Canadá
9	Coreia do Sul	Holanda	Honk Kong
10	Polônia	Polônia	Taipei

Tabela 4 – Os 10 mais no PISA

Cruzando, agora sim, o desenvolvimento (pelo IDF – Desenvolvimento e Felicidade) e a Educação (pelo PISA), chegamos aos países nos quais poderíamos nos aprofundar:

Irlanda, Finlândia, Canadá, Holanda, Alemanha e Dinamarca.

¹⁷ PISA 2018. Insights and Interpretations. OECD. Paris, France. 2019.

Vamos finalizar a descrição dos motivos para analisarmos a Irlanda como um “estudo sobre a psicomotricidade na alfabetização”.

Fechando, o que também chamou nossa atenção foi o volume de estudos sobre psicomotricidade fina e alfabetização neste país, notadamente o trabalho de alfabetização familiar. Pelo volume de sua presença, passa a constituir também uma postura cultural. Quer dizer, faz parte da cultura irlandesa a família atuar na alfabetização e na pré-alfabetização.

Na Irlanda, desde cedo as crianças aprendem o Gaélico Irlandês (Irlandês) e o Inglês. Será que o simples fato de aprender desde cedo dois idiomas ou mais simultaneamente já desenvolve mais as crianças? As grades curriculares (semaninha) dos países desenvolvidos com frequência mostram mais de um idioma na educação infantil ou jardim de Infância. Outra comparação importante é que em nenhuma delas existe, no plano semanal, o primeiro tempo de “acolhimento” e o último tempo de “brincadeira livre”. Precisamos falar as coisas

aqui. Precisamos nos comparar com os melhores do mundo, não com os medianos. A preocupação dos melhores do mundo está em direcionar a atividade e isso é um sistema de controle de gestão da operação.

A despeito de ser um país que utiliza a educação em casa (*homeschooling*), não se pode dizer que isso é cultural, uma vez que mesmo em países desenvolvidos esse sistema abarca uma parcela muito pequena da população. Assim, *homeschooling* na Irlanda não é cultural, logo, não é aquilo que está fazendo dela um dos países mais desenvolvidos no mundo¹⁸. Não nos esqueçamos que estamos falando da pré-escola, e o *homeschooling* de que tratamos acima se refere ao fundamental. Nossa análise é a cultura no pré-escolar, já que a criança “chega bem” para o correspondente ao fundamental. O diferencial das famílias irlandesas parece estar no pré-escolar e na preparação para a alfabetização. Mas nossas famílias são pobres...!? Então, precisamos de adaptação ou, no mínimo, de planejamento familiar, “se

18

<https://www.forbes.com/sites/mikemcshane/2021/08/31/homeschooling-is-growing-in-ireland/?sh=7863556732db>.

não é possível se ter famílias com o mínimo”. Mas só melhoraremos se pensarmos e agirmos.

Se estamos estudando a Psicomotricidade Cultural em termos de como ela pode influenciar no processo de alfabetização, que normalmente se inicia aos seis anos, a reflexão sobre a cultura estudada diz respeito aos “eventos culturais” que antecedem essa idade. Para o momento, nos parece interessante irmos do início da gravidez (da mãe do aluno), passando pelo nascimento, amamentação, primeiros meses com a mãe, até chegar ao quinto ano de idade. Temos muito de cada cultura em todas essas fases.

Se alguns bebês têm uma diversidade maior dessas experiências de codificação que outros, eles estão praticando mais a experiência de apreender que outros. Da mesma forma que isso é afetado pelo tempo de vigília, pela qualidade dos sentidos e pelo mundo que o cerca.

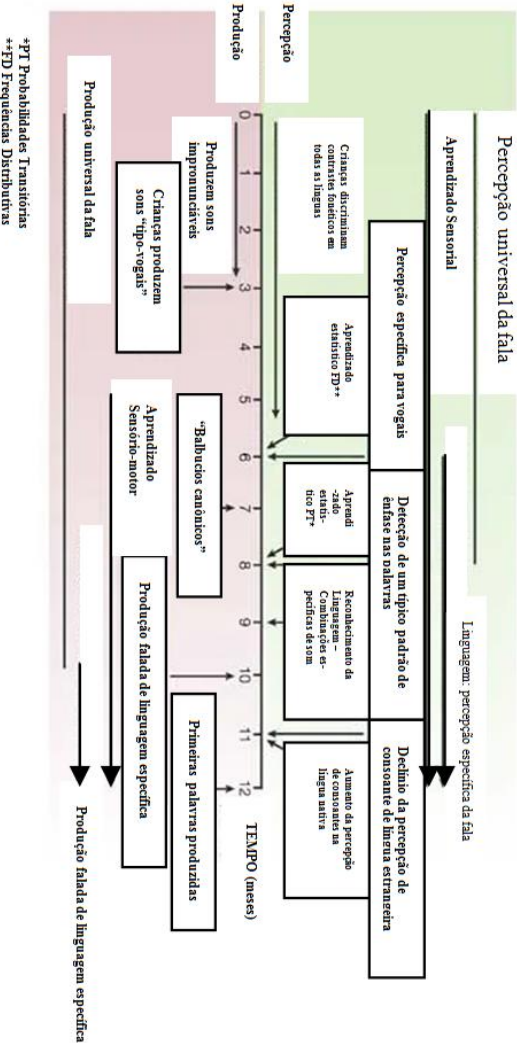
Vamos, por exemplo, analisar o fenômeno “bebê poliglota”.

Bebê Poliglota

O bebê nem fala. Como poderia ser poliglota? Mas a capacidade de se tornar um poliglota é melhorada, ou não, até ele completar onze meses. Também estamos falando em relação àquele poliglota que tem boa pronúncia em vários idiomas. Pois conhecemos pessoas que falam diversos idiomas, mas com o sotaque de sua terra natal. Por isso bebê poliglota; um ser que terá maior facilidade de ser um bom poliglota. E isso invariavelmente depende de seus pais e do ambiente em que vive, por causa dos sons que ouve e dos estímulos que recebe.

Vejamos, então, o modelo de Kuhl.

Fig.6 - Linha do Tempo do Desenvolvimento da Percepção e da Produção da Fala



Unindo todo esse conhecimento, temos a importância da idade, do estímulo sonoro e do estímulo oromotor ou da psicomotricidade oromotora. Assim, no período certo, com os sons certos e com os exercícios oromotores corretos, teremos crianças com melhor capacidade de comunicação.

Dessa forma, quanto mais diversos forem os sons (fonemas) inseridos na conversa do “balbuciar” com os bebês, maior será a facilidade dos mesmos para línguas. E essas brincadeiras de conversa, da mãe e dos outros familiares com o bebê, o tempo que estão juntos, o quanto realmente se dedicam com amor e atenção, também dizem respeito a uma cultura.

Voltando: e antes do nascimento? Sim, temos a motricidade uterina.

Nossa preocupação com a alfabetização acabou nos levando ao contato com os diversos e importantes processos que direcionam a criança a uma boa leitura e escrita. Julgamos interessante expor alguns aprendizados, que vão da fase uterina até a qualidade plena na alfabetização.

Colocando o mínimo necessário sobre a base por trás do tema, vale o conceito e os tipos de psicomotricidade nos quais nos detivemos e sobre os quais lançamos os holofotes da cultura e da sociedade.

Os momentos ou períodos que se cruzam com a cultura e sociedade são:

A motricidade intrauterina

A “psicomotricidade” oromotora - lábios, língua, mandíbula, maxila, bochechas, palato mole, palato duro, soalho da boca, musculatura oral e arcadas dentárias.

A psicomotricidade ampla – capacidade de utilização adequada, coordenada dos músculos em movimentos básicos.

Coordenação visuomotora - é a capacidade de coordenar a modalidade sensorial visual com a produção de respostas grafomotoras.

A psicomotricidade fina – diz respeito à capacidade de execução de movimentos “finos” com as mãos e com os dedos.

Por que a boa psicomotricidade fina quase sempre vem depois da boa psicomotricidade ampla ou geral? Veremos adiante o impacto do músculo trapézio superior na atividade da escrita.

A atividade psicomotora começa no período intrauterino e pode ser percebida através de reações advindas da comunicação entre mãe e bebê¹⁹.

Existem algumas brincadeiras culturais que estimulam a conversa entre mãe e feto? Que tal criarmos em nossa cultura a conversa com o feto, quando as mães acordam, dormem, se alimentam, tomam banho. Tudo começa com o resultado do teste de gravidez. Pode ser? Os fabricantes de testes poderiam incluir uma pequena canção nas suas embalagens, que o pai teria de cantar para o feto junto à barriga da mãe. Não criam coisas na cultura para aumentar as vendas? Por que não fazer isso para o bem?

Vamos a algumas outras informações relevantes.

¹⁹ MATEI, Dan Constantin; NICA, Carmen. Studia Universitatis Vasile Goldis, Physical Education & Physical Therapy Series . jun2018, Vol. 7 Issue 1, p53-60. 8p.

A psicomotricidade pode ser prejudicada em casos de partos prematuros, afetando a leitura, a escrita e a comunicação.

Alguns problemas relacionados ao parto prematuro²⁰:

- Bebês prematuros apresentam menor foco (déficit de atenção) , associado a dificuldades de comportamento e de aprendizado;
- Sequelas aumentam quando o tempo gestacional diminui;
- Menor habilidade em linguagem;
- Psicomotricidade fina prejudicada;
- Problemas de leitura;
- Menor competência socioemocional;
- Hiperatividade;
- Problemas de relacionamento;

²⁰ Neurobehavioral Phenotype and Dysexecutive Syndrome of Preterm Children: Comorbidity or Trigger? An Update Catherine Gire, Aurélie Garbi, Meriem Zahed, Any Beltran Anzola, Barthélémy Tosello and Valérie Datin-Dorrière. Children 2022, 9, 239. <https://doi.org/10.3390/children9020239>
<https://www.mdpi.com/journal/children>

Fugindo muito do tema, mas é uma informações que pode ser rara aos leigos, os mesmos pesquisadores identificaram que tais desordens podem ser reduzidas com sulfato de magnésio no pré-natal. CONSULTE SEU MÉDICO.

O parto prematuro tem relação direta com o subdesenvolvimento neurológico. Por vezes, as pessoas associam obrigatoriamente o gradativo desempenho neurológico com a gradativa capacidade motora.

Do útero aos cinco anos, o feto, o bebê e a criança estão inseridos e são afetados por um ambiente sócio-cultural. O desenvolvimento de uma sociedade e de uma cultura pode ser natural, mas também pode ser planejado, pelos pais, familiares, pelas escolas, pelas empresas e pelo Estado. A psicomotricidade, e a educação, está em cada ato, em cada dispositivo que possa gerar, modificar ou tirar um hábito. E os bons hábitos pavimentam uma cultura para o desenvolvimento e para a felicidade.

A Psicomotricidade Cultural, de certa forma, devolve a responsabilidade aos pais e ao Estado pelo desenvolvimento da criança, psicomotor e mesmo mental,

uma vez que o exercício psicomotor desenvolve o cérebro da criança até os sete anos. Porque as atividades e os padrões sociais dependem muito das relações familiares e das condições que o Estado fornece a seus cidadãos em termos de riqueza de experiências e condições mínimas para a sobrevivência.

As escolas sempre farão o máximo, mas a coisa é maior. O Planejamento Educacional é mais do que aquilo que está inserido no Educação Formal.

ENSAIO 6 – PSICOMOTRICIDADE EM MÚSICA, EDUCAÇÃO FÍSICA E ARTES – AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO

Todos os professores do Fundamental, principalmente do primeiro ciclo, sabem da importância da Música, da Educação Física e das Artes no desenvolvimento da psicomotricidade ampla e fina. Entretanto, não ajudamos tais profissionais no processo de avaliação e de intervenção. Porque, tirando educação física, não encontramos, nem nos programas de curso nem nos planos de aula, o planejamento e a avaliação desse tópico.

Vamos analisar, por exemplo, as competências em um grupo da educação infantil, pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) referente ao Infantil 3:

“Competência EI03CG02: demonstrar controle e adequação no uso do corpo...”.

Então, o que significaria descontrole e inadequação? Quais são os parâmetros? Sabe como corrigir da melhor forma os problemas detectados? Onde está isso no Plano de Curso, no Plano da Disciplina ou no Plano de Aula? Qual

é o momento no calendário ou no plano de aula para a intervenção?

Todos os leitores sabem que, na atualidade, isso não está presente nos planos, e quando raramente aparecem, não está claro. Falemos dessas áreas tão importantes também para a psicomotricidade.

O desenvolvimento da psicomotricidade já é amplamente utilizado pelos professores de música, educação física e artes. O que identificamos como algo que pode ser melhorado é: sua inserção nos planos, o sistema de avaliação dos exercícios dessas atividades e a consequente intervenção, quando necessária.

Em pesquisa anterior, quando pedagogos foram questionados sobre exercícios e avaliações de psicomotricidade fina, sua grande maioria indicou os professores de educação física como executores e examinadores, assim como apareceram muitas atividades de artes. Em paralelo, pesquisas mostraram o impacto da música no desenvolvimento psicomotor. Por tudo isso, por percebermos a importância dessas áreas no trabalho pré-

escolar e escolar, vem a reboque a necessidade de estruturação nos planos de curso, planos de aula e planos de intervenção.

Os planos de curso e de aula que existem não identificam que parte psicomotora nem como. Pelo que investigamos, parece ainda faltar as medições, de maneira mais objetiva, de tal forma que possam organizar as intervenções, quando necessárias.

Levando em conta um modelo qualquer de plano de aula, exemplo:

Plano de Aula para: (pré 3...)	
Tema	
Campo de Experiência	
Habilidades	
Objetivos	
Conteúdo	
Duração	
Recursos didáticos	
Metodologia	
Avaliação e critérios mensuráveis	
INTERVENÇÃO	
Referências	

Tabela 5 – Plano de Aula com Intervenção

Reparem que inserimos no Plano de aula a linha INTERVENÇÃO. A linha AVALIAÇÃO também raramente aparece. Acreditamos que isso é uma modificação relevante, porque conecta permanentemente o processo de intervenção, que poderá ocorrer na própria aula ou ajudará os docentes no planejamento e na agenda. A intervenção é impossível sem a linha Avaliação.

Também colocamos a AVALIAÇÃO em negrito, adicionando “critérios mensuráveis”. Porque sem medidas, definir o que significa muito, pouco, insuficiente se torna uma questão pessoal. E se é pessoal, não é científica.

Isso vale para todos os planos de aulas e para todos os níveis. Vamos nos debruçar agora na Música e na Educação Física, em relação aos planos, à psicomotricidade e à intervenção.

ESCRITA, MÚSICA E DANÇA

Vejamos o que diz Jimena Gracia, da Graduação em Belas Artes de Sant Louis²¹:

“Em meu trabalho, uso a caligrafia como um dos exemplos mais visivelmente evidentes da mutabilidade da linguagem. A linguagem escrita possui um determinado conjunto de signos e é acompanhada por uma forma particular de fazer esses signos (Drucker 12). Interessa-me os momentos em que a marca se desvia do símbolo padrão, rompendo o propósito funcional da escrita. Tais marcas revelam algo além de seu papel semântico: elas contêm evidências de expressão nuançada, bem como traços das ações musculares do sujeito que escreve. No trabalho baseado na instalação, aprendi que se leio uma palavra por tempo suficiente, começo a me imaginar dançando dentro e fora dos loops de letras, uso uma ficha como superfície na qual apresento o texto manuscrito.”

Gracia, Jimena O., "Word Muscles" (2015). Undergraduate Theses—Unrestricted. 47.

https://openscholarship.wustl.edu/undergrad_open/47

Diante do exposto, imaginem o que poderia representar para a professora de artes um material desenvolvido pela professora de português ou pela pedagoga?

E se fosse o contrário?

Muitos exercícios que envolvem psicomotricidade fina são ministrados pelos professores de artes.

Existiria uma escala de dificuldade em psicomotricidade relacionada com cada instrumento musical? Quer dizer, o professor de música, conversando com o psicomotricista ou com o pedagogo, poderia criar uma escala de dificuldade psicomotora de acordo com cada instrumento musical acessível aos alunos, no nível básico?

Não podemos colocar o desenvolvimento psicomotor na responsabilidade dos professores de artes e música²². Mas o impacto de apenas uma reunião anual, no início do ano, para tratar especificamente da questão psicomotora, com a participação desses professores, mais o professor de

²² Embora Música seja colocada na disciplina Artes em algumas escolas, separamos aqui para facilitar a tipificação das atividades envolvidas.

educação física, de português, pedagogos e outros especialistas ligados à psicomotricidade seria algo impactante e inovador em nossas escolas. Porque ainda não se trabalha a psicomotricidade nas escolas de maneira integrada.

Também visando ajudar os professores acima na possível adaptação e inclusão guiada de questões de psicomotricidade nas suas atividades específicas, trouxemos uma das avaliações mais utilizadas de psicomotricidade.

Pedimos a esses professores que se perguntem se, em algumas de suas aulas, poderiam desenvolver algumas atividades que trariam ganhos para essas partes. Isso ajudaria no completo desenvolvimento da criança.

MÚSICA, EDUCAÇÃO FÍSICA E ARTES RELACIONADOS COM O PDMS-2

O PDMS - *Peabody Development Motor Scales (2nd Edition)* – é um dos métodos mais utilizados para avaliar a

capacidade psicomotora da criança. Faremos somente uma adaptação para quadro, para que o(a) professor(a) possa copiar a folha e montar seu plano de aula ou seu roteiro eventual ou programado. Veja na página seguinte.

Mas, para fechar essas sugestões, segurar um lápis e começar a escrever é uma habilidade que exige (pré-requisito) o bom desempenho de todas as atividades da tabela (principalmente dos membros superiores). E ela começa aos seis anos. Há alguns anos, começava aos cinco.

Entenderam o que significa isso, certo?

Precisamos de todas as áreas para alfabetizar.

Precisamos muito.

Tabela 6 PDMS Adaptado – Artes, Música e Educação Física

Psicomotricidade / Motricidade	Atividade
Estacionário Sentar, levantar para sentar, ajoelhar, ficar em um pé só, ficar na ponta dos pés, imitar movimentos, abdominais, flexões	
Locomoção Subir/descer escadas, andar para trás/para os lados, correr, ficar em pé, andar na linha/na ponta dos pés, pular para frente/para cima/para baixo/obstáculos/para os lados, velocidade de corrida, pular para frente em um pé, equilíbrio/coordenação da corrida, saltos, linha de caminhada para trás, rolando para frente, galopando, girando, pulando, pulando em velocidade	
Manipulação de objetos Chutar/arremessar/pegar a bola, lançar a bola por cima/por baixo, acertar o alvo por cima/por baixo, quicar a bola, pegar a bola quicada	
Agarrar Pegar cubos, segurar marcadores, abotoar/desabotoar botões, tocar os dedos	
Integração visuomotora Construir torre/trem/ponte/parede/degraus/pirâmide, cortar com tesoura imitando traços horizontais, enfiar miçangas, dobrar papel, copiar círculo/cruz/quadrado, cortar linha de papel/círculo/quadrado, amarrar barbante, jogar pelotas, traçar linha, conectar pontos, colorir entre linhas	

ENSAIO 7 – EDUCAÇÃO DO ECO

Sabe quando você está passando por alguma coisa ou ouvindo, vendo alguma coisa..., e tem a sensação de já ter vivido aquilo antes? Como um “déjà-vu”?

Ou quando percebe que alguém já te disse aquilo, mas você não lembra quem foi?

Por vezes isso nada tem a ver com educação, mas tantas outras vezes significa o sucesso da Educação do Eco ou Educação pelo Eco.

Nem sempre é feita de maneira intencional por professores, nem sempre uma educação é planejada.

Esse é o objetivo desse ensaio: colocar a Educação pelo Eco no planejamento do curso ou da aula. Algo como: “início do processo para as mudanças do comportamento futuro”, ou Educação do Eco, “eco - competência escovação” etc.

Serve também para motivar ainda mais os professores. Porque existem aquelas aulas após as quais pensamos que nada ficou no aluno. Mas a consciência da

Educação do Eco ocorre principalmente quando você sabe que a sedimentação ocorrerá somente a partir da segunda ou terceira vez que a informação se repetir. Ou saber que só ocorrerá depois de infinitas vezes. Por exemplo: “ – Vá escovar os dentes antes de dormir”. Estamos falando de algo que se repetirá por mais de cinco anos, todos os dias. E que depois de um belo dia com muita dor de dente e um dentista julgado como o pior homem do mundo, tudo isso, junto, e o menino, finalmente começa a escovar os dentes todos os dias, sem precisar ser lembrado.

Quantas vezes uma mãe repete cada mudança desejada para cada filho? Comer de boca fechada, tomar banho direito...?

A perfeita Educação pelo Eco é:

- Saber que aquele conteúdo normalmente não é assimilado de primeira;
- Quando isso é feito de forma planejada, incluindo os próximos momentos de repetição.
- Quando o resultado final é melhor com a Educação do Eco.

É tão mais eficaz quanto mais diferentes forem as fontes de informação, interessante em aulas integradas na decorrência do curso.

Para isso ser planejado, demanda o conhecimento da resistência em assimilar. Quer dizer, quando e porque, naquele momento de aula ou de conversa, o conhecimento não resultará na mudança imediata de comportamento do aluno. Mas a instrução deverá ser feita de tal forma que, mesmo havendo a resistência, ficará uma semente, cujo eco, no futuro, a transformará em árvore.

Uma aula ruim nada tem a ver com a necessidade da implantação da Educação pelo Eco, porque nesse caso a falta de assimilação não decorreu da necessidade de repetição de uma informação em diferentes momentos, mas de um problema de qualidade de instrução.

Desta feita, Educação pelo Eco não pode servir de desculpa para o mal aprendido. E isso prejudicaria bastante o ensino. Como a tristeza de Santos Dumont ao ver o avião sendo usado para a guerra. O mesmo com a invenção da Bomba Atômica, de Oppenheimer.

Não se pode dizer que “isso só será assimilado com a repetição, na vida”, sem termos utilizado todos os meios para a devida assimilação no momento da aula.

Em consequência, a Educação pelo Eco está mais relacionada ao conhecimento não exato, mas pode estar presente em conexões mais complexas, envolvendo “exatas”. Também está presente fortemente na educação familiar e de valores. Por exemplo, quando você lembra que a sua mãe ou seu pai dizia: “ – Leva o guarda-chuva.”(Ato 1 – Eco planejado). E você não levou. Horas depois, choveu e você ficou todo molhado(Ato 2 – Eco 1). Então você cruza com um amigo que está com o guarda-chuva (Ato 3 - Eco 2). Outro dia, sua mãe diz: “ – Leva o guarda-chuva (Ato 4 – Eco 3). Finalmente, cai uma chuva forte, você abre o guarda-chuva e ouve aqueles pingos fortes na lona e vê um monte de gente enxarcada e correndo (Ato 5 – Eco 4 – Eco transformador – você assimilou a importância do guarda-chuva).

Voltemos à sequência da perfeita Educação do Eco, para ver se o resultado da Educação do Eco é melhor que

sua inexistência. Se você estivesse com um guarda-chuva no momento certo da chuva forte, teria assimilado a importância dele na mesma intensidade, se não tivesse passado pelas etapas anteriores (ecos)? Talvez.

Outro peso importante, como visto, é que na Educação pelo Eco o agente educador também pode ser a vida: a chuva. E nesse fato está o Planejamento do educador principal. Ele(a) fala/instrui, sabendo que a respectiva fala não será suficiente para a conscientização, mas que ao ocorrer determinada situação, todas as peças se juntarão, provavelmente, e finalmente se transformarão em conhecimento (ter verdadeiramente CIÊNCIA), com “mudança de comportamento”, porque nem toda ciência(estar ciente) leva à mudança de comportamento.

Repetindo. Educação pelo Eco é passar uma instrução ou informação sabendo que ela dificilmente será assimilada naquele momento e que necessitará de uma repetição ou consequência ou de outro fato, um Eco, para que realmente seja assimilada adequadamente (mudança de comportamento).

Não é a mesma coisa que reverberar. E tomemos os mesmos princípios científicos que diferenciam ecoar de reverberar, para não pensarmos que Educação do Eco é uma simples repetição. A reverberação ocorre quando, após emitir um som, ele retorna a você em menos de 0,1 segundo. E o eco é o som que demora mais de 0,1 segundo para voltar a você. Isso significa que o eco só pode ocorrer em uma distância mínimo de 17 metros. Por analogia, a Educação pelo Eco dá ênfase a repetições mais espaçadas.

Em nada a Educação pelo Eco diminui a importância da repetição, que é uma técnica importantíssima. Repetição (redundância) é técnica e é medida: “quantas repetições são necessárias para determinado conteúdo?”. São apenas coisas diferentes.

Ela exige a maturidade e a sensibilidade do educador. É comum vermos diversas situações em que educadores dizem: isso não é para essa idade, ele não entenderá agora, ou mesmo: ela é teimosa, ele já tem outra informação destoante Todas essas situações podem e devem utilizar a Educação do Eco, porque é exatamente esse volume, esse

Eco, em diferentes momentos, que terminará pelo sucesso da assimilação.

Um Eco não é uma repetição de uma frase dita, mas uma repetição distorcida de uma frase dita. Essa é uma grande diferença entre a Educação do Eco e a necessária repetição de exercícios; a repetição do que a aluna “já aprendeu” serve para lhe dar maior rapidez, sedimentação e destreza. A Educação pelo Eco é para quando o aluno “não aprendeu” ou “não aceitou” a informação ou quando essa informação não se traduziu em uma mudança de comportamento.

Cabe aos professores em cada matéria a reflexão dos conteúdos que podem demandar a Educação pelo Eco. Sabemos que pode ser frustrante você não testemunhar determinada assimilação, ter a consciência que só o Eco levará à mudança. Mas sem plantar a semente, em determinadas situações, não haverá Eco, e sem o Eco, aquele conhecimento não virará nossa tão desejada árvore.

Então teremos de esperar por outro professor, que pense na semente, no Eco e na árvore.

ENSAIO 8 – POLÍTICA EDUCACIONAL

AQUESTÃO DA APROVAÇÃO AUTOMÁTICA

A orientação atual do MEC (Ministério da Educação) é a aprovação automática, principalmente nos três primeiros anos do primeiro ciclo do ensino fundamental (2022). Nas palavras dos representantes do Ministério²³:

“... será necessário considerar os três anos iniciais do ensino fundamental como um bloco pedagógico ou um ciclo sequencial não passível de interrupção, voltado para ampliar a todos os alunos as oportunidades de sistematização e aprofundamento das aprendizagens básicas.” e

“Pesquisas já detectaram que a repetência durante esse período escolar não garante a alfabetização e pode prejudicar o rendimento escolar da criança no ensino fundamental como um todo e, particularmente, na

²³ <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/16166-ciclo-de-alfabetizacao-deve-prosseguir-sem-interruptao>.

passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro.”.

Entretanto, na pesquisa de Jere Brophy e equipe (p.12)²⁴, a aprovação automática é prevalente nos países subdesenvolvidos e nos em desenvolvimento.

Antes de fazermos um Diagrama de Forças (pontos positivos e negativos da questão), precisamos examinar o que acontece na escola e com a criança que passou por aprovação automática. E, para tanto, precisamos analisar os seguintes pontos:

Do volume de crianças aprovadas automaticamente, quantas recebem a mesma carga de conhecimento do ano da reprovação no ano seguinte? Quer dizer, de cem crianças que reprovaram em português no ano de 2010, por exemplo, que entraram na aprovação automática, quantas receberam a mesma carga de português no ano de 2011?

24

<http://repositorio.minedu.gob.pe/bitstream/handle/20.500.12799/5231/Grade%20repetition.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Quantas não receberam carga nenhuma extra em relação às matérias em que reprovaram?

Quantas tiveram qualquer aumento de carga horária no ano seguinte da reprovação?

Quantas tiveram a reposição com os mesmos professores do ano anterior?

Os professores, em cada escola ou local, conhecem as respostas. Mas precisávamos fazer as perguntas, pois só com as respostas a essas reflexões podemos analisar o resto. Afinal, a aprovação automática prediz, para ser justificada, a reposição com qualidade do conteúdo perdido e de tal maneira que permita o bom andamento do ano letivo seguinte. Caso contrário, ela estará faltando com aquilo que prega: não quebrar o ciclo. Pois quando o aluno não aprende, estamos quebrando o ciclo. Ou o ciclo é anual e não de aprendizado?

Sabemos que a reprovação não é um dilema, se calcada for apenas na preocupação com o sucesso daquela criança no futuro. Passou a ser um dilema quando apareceram outros fatores, que estão sendo colocados

como de maior importância do que o sucesso do ser humano.

Afinal, todos os professores sabem perfeitamente que se uma criança não assimila determinado conteúdo em um ano, jamais assimilará dois anos em um (que é o caminho para justificar a não reprovação). E quando se trata de matérias cumulativas, como português e matemática, ela não estará preparada para o ano seguinte, porque o conhecimento necessário, pré-requisito, será solicitado logo no primeiro mês de aula.

Um argumento que frequentemente é usado é o de que o conteúdo mais importante ou que é pré-requisito para o ano seguinte será priorizado. Mas dizer que determinado conteúdo pode ser priorizado em detrimento de outro significa dizer que existem conteúdos menos importantes. Mas se eram menos importantes, porque não houve a priorização no próprio ano? Isso inclusive seriam bem mais sensato e justificado do que a aprovação automática. Poderia ser feita essa recuperação/priorização a partir do meio do ano que o aluno reprovaria.

Que fatores nos direcionaram para a aprovação automática?

Analisemos as verdades que as organizações que lidam com a educação têm dificuldade em apresentar.

A Questão Social

Um dos argumentos para a aprovação automática e a evasão e a consequente perda da segurança e da alimentação. Mas se a evasão produz isso, tal seria um motivo para não evadir, exatamente para manter a segurança e a alimentação. Dessa forma, a evasão se restringe ou à vergonha da criança ao reprovar, ou dos pais, ou à migração para uma escola mais fácil, porque o interesse é o diploma e não o aprendizado.

É normal a aprovação em países menos desenvolvidos, exatamente porque a escola está provendo a parte do convívio social, mais que o aprendizado da propedêutica. Entretanto, este início na realidade está acomodando a criança e prejudicando-a sim ao não permitir que ela perceba o erro nos estudos e, em consequência, não

permitindo a sua melhora e finalmente negando a ela um lugar ao Sol, uma vez que sem a chance de reprovar e rever o que não foi assimilado também diminuem as chances de aprender de verdade, já que no segundo ano terá de fazer dois anos, no terceiro ano, terá de fazer três, e conhecemos o resto. O fornecimento de um diploma não merecido também evita a absorção de um dos mais importantes conhecimentos da vida, que é o de ação e reação, o de que tudo tem consequência, de que se não estudar, não vai passar.

Ainda na questão social, o despreparado não se sente bem ao lado dos preparados, e isso o faz se juntar com pessoas mais fracas, e mais fracas e...

Indicadores

Os políticos são pressionados por resultados em todas as áreas. E o indicador da qualidade na educação brasileira é o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). O IDEB tem em sua fórmula, no denominador, o fluxo, que significa REPETÊNCIA. Imagine que o aluno tirou a nota 5,0

na provinha de avaliação do quinto ano do Ensino Fundamental e que ele passou de ano. Ficaria assim a conta:

$$\begin{array}{r} 5 \text{ (nota 5)} \\ \text{--- (dividido por)} \\ 1 \text{ (passou de ano)} \end{array}$$

5/1 . Logo, nota final 5. IDEB individual = 5,0

Quando ele reprova, a conta fica assim:

$$\begin{array}{r} 5 \\ \text{---} \\ 2 \text{ (mais um ano na mesma série)} \end{array}$$

5/2 . Logo, nota final 2,5. IDEB individual = 2,5

Quer dizer, se reprovássemos as crianças que realmente não têm o conhecimento mínimo para continuar, o IDEB no Brasil cairia para a metade. Estamos fazendo a avaliação de um governo: municipal, estadual e federal. Essa é a verdade. E enquanto não tiverem a coragem para enfrentar a verdade, nossa educação não vai melhorar; será sempre uma maquiagem.

O Sistema de Investimento da Educação

Conforme o parágrafo anterior, isso afetará não só as eleições do político responsável, como também, pior de tudo, o repasse de verba para a instituição e pode ainda afetar repasses de programas sociais.

A captação de recursos para a educação é baseada em volume de alunos; quanto mais aluno a instituição tiver mais recurso recebe. Esse investimento por aluno matriculado é um grande, senão o maior, motivador para a aprovação automática, porque a reprovação é uma das maiores causas da evasão escolar. Dessa forma, a reprovação de alunos implica a perda de recursos para a escola. A decisão dos dirigentes escolares é: ou mais dinheiro ou um ensino mais forte. A decisão dos grandes dirigentes escolares é: mais dinheiro, ensino mais forte e muito trabalho criativo e motivador para os alunos.

A Alocação do Professor

Somado e atrelado aos fatores anteriores, a redução de número de alunos de uma turma, quando chega à

determinada quantidade, gera consequentemente uma redução de turmas. Turmas se juntam. Isso reduz a carga horária dos professores. Essa redução de carga prejudica programas de progressão salarial e/ou de carreira e em alguns casos direciona o professor para ministrar aulas também em outra unidade. O professor não deseja nenhum desses acontecimentos. Professores, não vocacionados, por vezes aprovam todos os alunos, mesmo os que nunca foram, para não se prejudicarem, ou melhor, para não terem de cumprir aquilo que fora acordado em seus contratos de trabalho. Repito: professores não vocacionados.

Questões de Classe

São muitas as questões de classe que fazem com que diversos professores apoiem a aprovação automática.

Os alunos que reprovam normalmente têm mais dificuldade, de ordem individual, social, familiar ou mesmo médica. Dessa forma, precisam de maior atenção do professor. Professores não vocacionados tendem a preferir

a aprovação automática, naturalmente. Não existe, no processo seletivo para professores da área pública, a verificação da vocação. Quer dizer, são selecionamos baseados na identificação de um conhecimento, mas não verificamos se aquele professor tem paciência, empatia, amor pela docência...

Por isso, atualmente, temos tantos professores em sala de aula que odeiam crianças.

Eles só querem o dinheiro. E o professor é tudo. O professor vocacionado também precisa de recursos, mas consegue dar uma excelente aula mesmo sem quadro, sem giz, sem nada. Vocação é vocação. Agora, imagine um vocacionado com recursos.

O Desconhecimento dos Pais

Os pais não têm as informações dos professores; não identificam conhecimentos que são pré-requisitos, não têm ideia do prejuízo para o futuro dos seus filhos. Entram num processo de competição entre eles na torcida para seu filho se formar na “idade certa”, desconhecendo que na

realidade seu filho nunca se formará, pois nunca terá aquele conhecimento. Terá um papel e não passará em concursos nem em processos seletivos para aqueles cargos que poderiam lhe dar qualidade de vida.

E por isso os pais devem ser os primeiros a ser informados, pois são os responsáveis pelo sucesso de suas crianças e por elas lutarão.

Felizmente, já não são poucos os pais que identificaram tal problema e solicitam a reprovação, por reconhecerem que seus filhos não absorveram determinado conteúdo. E sabem que também não o absorverão se forem aprovados.

A falta de visão de médio e longo prazo dos pais

Muitas crianças têm pais humildes e sem formação. Por isso esses pais não têm a capacidade de entender se a criança está sendo bem encaminhada para atingir um futuro de sucesso ou não.

Os pais acreditam que a criança que já escreve o próprio nome está alfabetizada. O pior: muitos pais são “levados” a acreditar nisso. Eles precisam ser informados que isso não é verdade.

Os pais são o maior instrumento de controle de qualidade da educação, se forem informados sobre o que se espera de entendimento da criança em cada nível.

Os pais precisam saber que ao final do primeiro ano do Ensino Fundamental a criança já deve estar lendo pequenas coisas. E que será muito perigoso a criança prosseguir para o ano seguinte sem essa capacidade. Porque a escola não vai recuperar. Mais uma repetição: nenhuma escola consegue fazer dois anos em um com uma criança que nem conseguiu fazer um ano em um.

A Solução Mínima

É muito difícil lutar contra o sistema. Quando existem tantos interesses na aprovação automática, como ajudar as crianças? A consciência existe; todos têm “ciência”. Mas

consciência não é mais forte que o egoísmo, que a política, ..., que o sistema.

Assim, a única solução é mudar o sistema.

1.O financiamento da educação não pode ser por aluno matriculado; precisa estar atrelado à qualidade do ensino, que deve ser: mostrar o nível de capacidade adquirido pelo aluno naquele ano e executado por organização independente.

2.A vida do professor deve girar dentro de uma área de conforto de tal forma que ele não precise aprovar alunos para ser promovido ou para evitar a locomoção excessiva.

3.Os pais devem receber a informação de que conhecimento e proficiência seu filho deve ter ao final de cada ciclo bimestral. Essa informação por semestre pode não permitir recuperação do aluno. Precisamos da ajuda dos pais no controle de qualidade de nossas escolas.

4.O IDEB não pode direcionar o investimento em educação ou precisa acompanhar países desenvolvidos.

5.Precisamos dar apoio social, mas a avaliação do apoio social precisa ser separada da avaliação da qualidade

de educação. Atenção: a avaliação precisa ser separada, não a execução.

A recuperação não se faz no final do ano; ela se faz a cada dia. E ela se faz em outro horário, também para não atrapalhar o desenvolvimento daqueles que estão indo bem, quer dizer, para não atrasar o resto do grupo. Não estamos falando de tirar dúvidas durante as aulas, que é obrigação e faz parte do dia a dia do professor. Falamos de um atraso identificado somente após a primeira avaliação, pois só na avaliação que identificamos certos problemas.

Precisamos ajudar os mais fracos. Mas isso precisa ser feito sem prejudicar os outros alunos e os melhores. Atualmente, o Brasil está prejudicando todos os bons alunos na base, quer dizer, estamos perdendo muitos talentos, porque não temos políticas para os talentos, no Fundamental. E estamos atrasando as matérias por causa dos mais fracos, que deveriam ter reprovado, pois não tinham o conhecimento mínimo necessário para continuar.

E, com isso, fornecendo menos informação nova e relevante aos melhores alunos, atrasando-os também.

Mas a aprovação automática é impossível? Não. Mas, para isso, precisamos da coragem para dizer que disciplinas são as prioritárias, pois não haverá tempo para todas. Coragem para falar aos pais das reais possibilidades e para os colocarmos firmemente no processo. Coragem para mexermos no calendário, logo, para mexermos com as pessoas. São muitas variáveis que interferem na questão, para que ela funcione.

Todos sabem o que significa a aprovação automática. Os bons professores não falam porque estão dentro do sistema e não podem falar, pois, se falarem, serão prejudicados e perseguidos. Mas alguém tem que falar, pois o que está em jogo é só ... o futuro de nossas crianças.

ENSAIO 9 – PSICOMOTRICIDADE, MUSCULATURA, ALIMENTAÇÃO E MOBILIÁRIO

Problemas na escrita podem ser uma questão educacional, mas existem diversas possibilidades, como a sarcopenia (pediátrica), que se trata de uma disfunção muscular.

Nesse aspecto, o professor é a figura que mais cedo pode identificar problemas alimentares, fisiológicos, psicológicos, neurológicos, sociais e familiares, pois seria o primeiro a encontrar a falha ou a dificuldade na escrita, direcionando os pais para uma busca especializada. Isso amplia sua responsabilidade e a da escola e os direciona para a melhoria dos sistemas de avaliação, que já é presente. Apenas um acréscimo na avaliação e o impacto para algumas famílias seria relevante, identificando possíveis problemas como: Distonia Infantil²⁵ – desordem

²⁵ FRANCESCA LUNARDINI , 1,5 CLAUDIA CASELLATO, 1 MATTEO BERTUCCO, 2 TERENCE D. SANGER, 2,3,4 and ALESSANDRA PEDROCCHI1 1 Children With and Without Dystonia Share Common Muscle Synergies While Performing Writing Tasks.

do movimento caracterizado pelo exagero muscular ; dores no pescoço e escrita alterada²⁶ – uso excessivo do trapézio superior em atividade de escrita prolongada.

Esse ensaio, além de falar sobre as mãos na escrita, como o objetivo de aumentar a sua organização nos planos de aula e de curso, abarca outros temas de extrema relevância, que só o professor percebe, com sua observação treinada e seu amor por cada criança. Não está em suas funções, de forma explícita. Mas com a sua ajuda, pode ter um impacto na vida da criança muito além da alfabetização.

Nos relatórios de avaliação, existe o quesito seguinte?

Annals of Biomedical Engineering, Vol. 45, No. 8, August 2017 (2017) pp. 1949–1962.

²⁶ IH. Leonard¹, KS. Kok², R. Ayiesha¹, D. Srijit³, N. Roslizawati¹, M. Vikram⁴, O. Baharudin⁵.

https://www.researchgate.net/profile/Leonard_Joseph/publication/43148543_Prolonged_writing_task_Comparison_of_electromyographic_analysis_of_upper_trapezius_muscle_in_subjects_with_or_without_neck_pain/links/54febbc60cf2741b69f12c62.pdf Acesso em 30/11/2022.

“Mobiliário e recursos em consonância com a aprendizagem: () da leitura () da escrita () com jogos () da sociabilidade ... “

Se não se avalia, não chega à direção escolar, não gera mudança.

Seguem alguns exemplos, para iniciar o processo de melhoria.

Estudos sugerem que o **material de leitura seja colocado em uma mesa inclinada, e o papel usado para escrever, na mesa que estará na horizontal. E que a mesa da escrita estará entre a pessoa e o material de leitura**²⁷.

A melhor forma do professor auxiliar nesse processo é já chegar com uma sugestão pronta, para que a direção leve ao setor de compras, da própria escola, da prefeitura ou da secretaria estadual etc. Caso contrário, será muito difícil mudar o *status quo*.

Várias áreas atuam na análise do mobiliário pré-escolar. Por exemplo, foi apresentado um estudo científico especificamente

²⁷ BENDIX, Thomas, HAGBERG, Matheus. **Trunk posture and load on the trapezius muscle whilst sitting at sloping desks.**
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00140138408963561>.

para a cadeira escolar nesse período de desenvolvimento por Paschoarelli e Silva²⁸ (pp.51-52), falando da versão para crianças da cadeira de 1874 (Thonet – modelo nº 14) e do inventor da cadeira pré-escolar: Henry van de Velde etc. Naturalmente, o foco foi ergonômico e pensava na saúde física das crianças e apresentou propostas de *design*.

Um estudo israelense, utilizando o teste para escrita manual ALEF – Alef Ktav Yad Hebrew, feito com 35 crianças, de Steinhart e Katz-Leurer, mostrou a atividade muscular das crianças durante a escrita²⁹.

Antes de colocarmos as próprias palavras dos autores, é importante passar o que significa músculo proximal e músculo distal. Para simplificar, chamemos de proximal o

²⁸ PASCHOARELLI, Luiz C. e SILVA, José Carlos P. da. Ergonomic Research Applied in the Design of Pre-school Furniture – The MOBIPRESC 3.6. Proceedings of the IEA – HFES 2000 Congress.

²⁹ [Shoshana Naider-Steinhart; Michal Katz-Leurer](https://research.aota.org/ajot/article-abstract/61/4/392/5084/Analysis-of-Proximal-and-Distal-Muscle-Activity) .Analysis of Proximal and Distal Muscle Activity During Handwriting Tasks. <https://research.aota.org/ajot/article-abstract/61/4/392/5084/Analysis-of-Proximal-and-Distal-Muscle-Activity> Acesso em 30/11/2022.

músculo, ou os músculos, do braço que está mais próximo do tronco, e chamemos de distal o do antebraço, que está mais distante do tronco. Repetimos, é tão somente uma simplificação para facilitar o leitor.

Agora, os resultados da pesquisa dos referidos autores.

“A menor quantidade de variabilidade exibida no músculo proximal em comparação com os músculos distais parece indicar que o músculo proximal funciona como um estabilizador durante uma tarefa de caligrafia. Além disso, a diminuição da variabilidade na atividade muscular proximal e distal parece ser mais econômica e está relacionada a uma velocidade de escrita mais rápida. O conhecimento do tipo de atividade muscular proximal e distal usada durante a caligrafia pode ajudar os terapeutas ocupacionais a planejar o tratamento para crianças com deficiência de caligrafia.”

Essa sustentabilidade bem como alguns movimentos leves e prolongados são de responsabilidade do músculo chamado trapézio superior. Se tentar pegar suas costas com a sua mão, passando pelo peito, poderá senti-lo:

1) sentado(a), coloque as duas mãos em seu colo; 2) Passe sua mão esquerda por cima do braço direito até encostar o dedão da mão no pescoço; 3) repouse essa mão ao lado do pescoço; 4) levante o ombro direito.

Agora está sentindo o trapézio superior. O exercício mais comum em que o utilizamos é fazer compras e encolher os ombros.

Isso, já entendeu; só de pedir para as crianças arrumarem as cadeiras e os brinquedos, elas já estarão trabalhando uma musculatura de base que dá sustentação e estabilização para a escrita.

Lembrando que, em crianças, dificuldade(fraqueza) em agarrar, caligrafia com problemas e dificuldade em andar, dentre diversos problemas médicos, podem estar relacionados com a fraqueza da musculatura ampla e da musculatura fina (músculos dos braços, pernas, mãos, pés e dedos) e com a baixa de vitamina B12³⁰.

Onde encontrar Vitamina B12:

³⁰ Médicos e Nutricionistas devem ser consultados.

Para países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, o fígado de boi é a melhor opção, contendo cinco vezes mais vitamina B12 que qualquer outro alimento. As outras duas opções mais baratas são o fígado de galinha e o ovo.

Então, para escrever, fígado e ovo para as crianças. Fígado de preferência grelhado e ovo, cozido. Não adianta pensarmos na escrita e enchermos a criança de gordura.

Logo, esses devem ser alimentos frequentes na merenda escolar.

Estudos científicos já demonstraram que a escrita rápida assim como a leitura rápida ajudam no desenvolvimento do entendimento (compreensão). Quer dizer, ler e escrever rapidamente ajudam a entender e a aprender mais.

Primeiro, devemos fortalecer todos os músculos envolvidos, para depois elas ganharem velocidade, aumentarem a prática e, finalmente, reduzirem os movimentos lentos e inúteis.

Em consequência, é natural relacionarmos escrita e inteligência.

Não é à toa que na análise grafológica (em grafologia) a letra pequena está quase sempre associada à inteligência. Porque quanto mais rápida a letra ou a escrita, melhor ela acompanha o pensamento e vice-versa. Para escrevermos mais rápido, pensamos em como escrever mais rápido, e pensamos, e pensamos...



Fig. 7 – Escrita e inteligência

A letra “m” superior na figura pede menos de um segundo para ser desenhada, rapidamente. A letra “m” inferior na figura demanda menos que a terça parte do tempo para escrever a superior. Quer dizer que um texto de

seis minutos, feito na letra grande, leva apenas dois, se feito na letra menor.

Com o desenvolvimento da escrita, depois dos tantos deveres e das tantas cópias das palavras dos professores, os alunos, para darem conta da rapidez com que fala o professor, inteligentemente reduzem a letra, ao mesmo tempo em que a alongam na horizontal (proporcionalmente). Dessa forma, seguindo a escrita ocidentalizada – da esquerda para a direita – o aluno reduz os movimentos dos dedos e amplia o movimento do “deltoide extensor” (a mão andando rapidamente para a direita, a escrita “correndo”). Normalmente, isso ocorre entre e durante o ensino médio e a graduação.

Essa lógica mostra que não devemos nos preocupar somente com a escrita e com a psicomotricidade na infância. É com certeza o momento mais importante, por conta do ato de escrever desenvolver o cérebro até os sete anos. Mas com isso, acabamos por diminuir nossa atenção com a escrita no ensino médio e no superior, que podem

não desenvolver o cérebro em termos fisiológicos, mas aumentam a inteligência, pela fluidez do pensamento.

Professores falam e observam muito. E muitos outros detalhes; rápidos olhares furtivos e pequenas palavras ... , os professores mexem no mundo.

ENSAIO 10 – AVALIAÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE PARA A ESCRITA

Este ensaio é direcionado àqueles professores que reconhecem nunca terem contado se a criança levou duas ou cinco tentativas para colocar a linha no buraco do botão ou que nunca mediram o tamanho dos pedacinhos do papel picotado. Avaliam se a criança “conseguiu”, mas não o que ela conseguiu, como ou por quanto tempo. Dessa forma, a criança que consegue na segunda tentativa é igual àquela que teve êxito na sétima. Jogamos os dados e, depois de meia hora, olhamos. Todos conseguiram; todos estão “sim”, na planilha.

Todo sistema precisa ser avaliado. Somente a avaliação identifica falhas. E isso dá, tanto ao gestor educacional quanto ao professor, a oportunidade de fazerem correções na busca da excelência do ensino e do desenvolvimento humano³¹. Mas precisa ser BEM avaliado; “dar um tempo e observar o resultado final” só identifica

³¹ MOSSO, M.M. Alfabetização. Rio de Janeiro, BEM Boss, 2023, p. 81.

casos graves, não alunos fracos ou com problemas, que se tornarão graves.

Elencaremos aqui alguns dos modelos mais conhecidos do mundo para a avaliação da psicomotricidade.

Em uma boa síntese, Riga e Lavidas (2017, p. 89-113) apresentam os seguintes métodos ou baterias de testes:

- Griffiths – dos 2 aos 8 anos
- BOTMP – Bruninks-Oseretsky Test of Motor Proficiency – de 4 a 21 anos
- BSID – Bayley Scales of Infant Development – de 0 a 3 anos
- KMS 3-6 – Karlsruher Motorik-Screening für Kindergartenkinder – dos 3 aos 6 anos
- M-ABC – Motor Assessment Battery for Children – dos 4 aos 12 anos
- MOT 4-6 – Motoriktest für vier-bis sechsyahrige Kinder – dos 4 aos 6 anos
- TGMD – Test of Gross Motor Development – dos 4 aos 6 anos
- PDMS – Peabody Development Motor Scales – de 0 a 72 meses

Os dois modelos atualmente mais utilizados pelo mundo ocidental são o BOTMP e o PDMS, sendo o BOTMP o mais presente para possível intervenção ou intervenção precoce.

Para ajudarmos na metrificação da avaliação e sua consequente intervenção, quando necessária, utilizemos a parte do PDMS que trata especificamente da psicomotricidade fina (ver ensaio 6) e apenas a atividade de picar papel. Não nos esquecendo que isso precisa ser feito para tudo que se quer avaliar.

Você, professor(a), já picotou um papel? Já observou cada etapa, cada movimento e grupamento muscular, de sentidos, de coordenação, o entre todos os membros e mais o material manipulado?

Faça esse exercício. É rápido. É muito difícil avaliar uma criança se você mesmo nunca se observou, fazendo todo o movimento várias vezes e com as devidas modificações de aperfeiçoamento. Só precisa de um minuto e de um papel velho.

Faça! Pegue uma folha. Segure como um bebê de sete meses (veja modelo Shirley no ensaio 1)³², bebê esse que desenvolve sua coordenação bilateral. Tente rasgar. Observe o que aconteceu. Agora imagine que você é uma criança de três anos. Então já usa mais os dedos; sua mão não mais apenas abre e fecha; você já está usando o caranguejo ou até o “tripé dinâmico” (polegar, indicador e médio). Rasgue novamente. Com algumas repetições, imediatamente percebe que começa a deixar os braços fixos, combinando mais os pulsos e os dedos. Também identifica que o ponto do papel em que você segura interfere no corte. Repetindo mais vezes, em seguida, ou não, vê que, se usar as pontas dos dedos para cortar e logo depois parar de movimentar dedos e mãos, usando somente o movimento dos braços, o corte sairá mais reto. Então você trocou: os dedos agora são o suporte e o braço é que faz o movimento. Finalmente se inicia o processo mais complexo, que é de tentar diminuir o pedaço de papel, até

³² Não se esqueça que não podemos dar uma folha A4 para um bebê, porque esse tipo de papel corta a pele.

o menor tamanho. Começa o processo de entendimento da flexão e extensão dos dedos (falange – falange menor – ponta dos dedos) das duas mãos, polegar e indicador³³, simultaneamente à rotação dos pulsos. Nos pedaços maiores ainda se identificará um ligeiro uso do braço e, nos menores pedaços, nos pedacinhos, a criança só utilizará a pontinha dos dedos (de forma fixa) junto a uma mínima rotação.

Ao finalizar o exercício, verificará que o tamanho da mão, dos dedos e da ponta dos dedos, além é claro da psicomotricidade da criança, interfere no tamanho dos pedacinhos. E que a psicomotricidade fina é principalmente a musculatura que aciona a falange, a falanginha e a falangeta de forma sincronizada com a musculatura do braço e da mão, como apoio.

Vamos medir?

Você adulto já percebeu que dificilmente conseguirá uma figura geométrica com uma média de lado inferior a

³³ Muito exercitado no “passar a linha pelo buraco do botão”.

dois milímetros, com toda a sua coordenação e dependendo do tamanho de suas mãos e de seus dedos.

Voltando a pensar na escrita, se esse for o objetivo final, poder-se-ia pensar nos indicadores de desempenho da psicomotricidade fina, para “picotar papel”, para uma criança de cinco ou seis anos, por exemplo:

Média de lado:

() bom – menor que 3 mm

() regular – de 3 a 5 mm

() a melhorar – superior a 5mm

Para apoiar os pedagogos e os professores, precisamos adicionar a capacidade de “base” do dedo médio. Porque quase todos os exercícios e atividades de psicomotricidade fina só consideram os dedos polegar e indicador. A atividade que junta a eles o dedo médio é exatamente o desenho e a escrita (pegue uma caneta como se fosse escrever e observe). E, antes disso, o ato de se alimentar.

Assim, antes de fazer os movimentos que implicam coordenação entre Polegar/Indicador e/ Médio é necessário que primeiro a criança tenha aprendido apenas a posição de apoio, usando os três. Por exemplo, como segurar o garfo ou a colher. No ato de comer, o tripé dinâmico deixa de ser dinâmico, uma vez que o tripé fica fixo enquanto os movimentos vêm das mãos, dos pulsos e dos braços. Portanto, os movimentos para comer devem anteceder os movimentos dos desenhos e da escrita.

Para finalizar, não podemos pedir apenas aos profissionais da educação de crianças de quatro e cinco anos para observar e ajudar nesses detalhes. Os professores do primeiro ciclo, que iniciam praticamente a escrita, poderiam programar, dentre tantas outras avaliações, na primeira semana de aula, a observação do período da merenda. E a intervenção poderia ser no próprio ato de comer, antes dos riscos da escrita.

Falando sobre a pegada no giz de cera, lápis e na caneta, voltemos ao tripé dinâmico (*Dynamic Tripod*).

Nossa observação inicial é do dedo médio.



Na posição “Tripé Dinâmico”, ele serve de apoio ao polegar e ao indicador. Fica assim:



Fig. 8 - DTG *Dynamic Tripod Grasp*

Aperto do Tripé Dinâmico

Agora tente segurar uma caneta apenas com o pinçamento polegar-indicador. Quer dizer, primeiro abra completamente a mão e então mova para pinçamento

somente o polegar e o indicador. Conseguiu? Agora, escreva!

O dedo médio, que serve “apenas” como base, faz toda a diferença.

Para entender as fases, basta imaginar que a sua mão é a mão de um bebê. Experimente com um grampeador ou mesmo com um mouse. Primeiro segure como segura uma vassoura, que é a pegada de mão fechada. Agora segure o mouse como se ele fosse uma caneta gigante. Percebeu agora que fez a pegada como se sua mão fosse uma grande pinça: de um lado o dedão e do outro os demais quatro dedos; ou como um funil, como o dedão mais próximos dos outros. Provavelmente você já não é mais um bebê; é uma criança.

À medida que a caneta vai diminuindo (e a mão crescendo), assim como à medida que os traços ficam mais precisos (mesmo nas garatujas isso já acontece), a criança começa a diminuir o número de dedos do lado direito da pinça (para destros): de quatro passa para três, dois e finalmente um (o indicador), ficando o dedo médio como

base. E nasceu o tripé dinâmico, para a escrita. Mesmo porque, já havia nascido o tripé fixo, para a alimentação.

O tripé fixo já está na avaliação de como as crianças fazem seu “lanchinho”?

E o PDMS ou similar?

Então, é a hora de fazer algumas melhorias.

Bom trabalho. Beijo nas crianças.

REFERÊNCIAS

BENDIX, Thomas, HAGBERG, Matheus. **Trunk posture and load on the trapezius muscle whilst sitting at sloping desks.**

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00140138408963561>.

FRANCESCA LUNARDINI , 1,5 CLAUDIA CASELLATO, 1 MATTEO BERTUCCO, 2 TERENCE D. SANGER, 2,3,4 and ALESSANDRA PEDROCCHI1 **1 Children With and Without Dystonia Share Common Muscle Synergies While Performing Writing Tasks.** Annals of Biomedical Engineering, Vol. 45, No. 8, August 2017 (2017) pp. 1949–1962.

Gracia, Jimena O., **"Word Muscles"** (2015). Undergraduate Theses—Unrestricted. 47.

IH. Leonard¹ , KS. Kok ² , R. Ayiesha¹ , D. Srijit³ , N. Roslizawati¹ , M. Vikram⁴ , O. Baharudin⁵.

https://www.researchgate.net/profile/Leonard_Joseph/publication/43148543_Prolonged_writing_task_Comparison_of_electromyographic_analysis_of_upper_trapezius_muscle_in_subjects_with_or_without_neck_pain/links/54febbc60cf2741b69f12c62.pdf.

MORAES, Marcus V. M. de, RANIERO, Elaine P., TUDELLA, Eloísa, MORAES, Janaina R. de, BORTOLIN, Paula, MARTINS, Juliana G. **Abordagem Maturacionista: Histórico e Contribuições.** Dynamis Revista Teno-científica. Abr-Jun / 2008, n.14, vol. 23-26.

MOSSO, Mario Manhães. **Alfabetização – Psicomotricidade Fina, Escrita Cursiva, Escrita Bastão, Garatujas**. Rio de Janeiro, BEM Boss, 2023.

¹<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>.

MOSSO, Mario Manhães. **A Lua ou um menino – Alfabetização**. Rio de Janeiro, 7ª edição, ESC, 2019.

PISA 2018. **Insights and Interpretations**. OECD. Paris, France. 2019.

<https://www.forbes.com/sites/mikemcshane/2021/08/31/homeschooling-is-growing-in-ireland/?sh=7863556732db>.

MATEI, Dan Constantin; NICA, Carmen. **Studia Universitatis Vasile Goldis, Physical Education & Physical Therapy Series**. jun2018, Vol. 7 Issue 1, p53-60. 8p.

Neurobehavioral Phenotype and Dysexecutive Syndrome of Preterm Children: Comorbidity or Trigger? An Update
Catherine Gire, Aurélie Garbi, Meriem Zahed, Any Beltran Anzola, Barthélémy Tosello and Valérie Datin-Dorrière.
Children 2022, 9, 239.

<https://doi.org/10.3390/children9020239>

<https://www.mdpi.com/journal/children>

https://openscholarship.wustl.edu/undergrad_open/47

<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/16166-ciclo-de-alfabetizacao-deve-prosseguir-sem-interruptao> acesso em 25/11/2022.

<http://repositorio.minedu.gob.pe/bitstream/handle/20.500.12799/5231/Grade%20repetition.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

PASCHOARELLI, Luiz C. e SILVA, José Carlos P. da.

Ergonomic Research Applied in the Design of Pre-school

Forniture – The MOBIPRESC 3.6. Proceedings of the IEA – HFES 2000 Congress.

PISA 2018. **Insights and Interpretations**. OECD. Paris, France. 2019.

Shirley, Mary Margaret. **The first two years: A study of twenty-five babies** (Vol. II). Minneapolis: University of Minnesota Press, 1933.

Shoshana Naider-Steinhart; Michal Katz-Leurer. **Analysis of Proximal and Distal Muscle Activity During Handwriting Tasks**. <https://research.aota.org/ajot/article-abstract/61/4/392/5084/Analysis-of-Proximal-and-Distal-Muscle-Activity>.

<https://www.inpursuitofpenmanship.com/blog/anatomy-of-the-writing-engine>